

*Mestras e Mestres da Suça:
Uma conexão antropológica
entre Goiás e Tocantins*

*Lucinete Aparecida de Moraes
Barbara Freire R. Rocha*

Organizadoras

Mestras e Mestres da Suça

Uma conexão antropológica entre Goiás e Tocantins

Lucinete Aparecida de Moraes

Bárbara Freire Ribeiro Rocha

Organizadoras

FICHA CATALOGRÁFICA

M586

Mestres e mestras da Suça: uma conexão antropológica entre Goiás e Tocantins [Recurso eletrônico]./ Lucinete Aparecida de Moraes, Bárbara Freire Ribeiro Rocha. [Org.]. Goiânia: Calíope Projetos e Ações Patrimoniais, 2024.
138 p. : il. color.

ISBN: : 978-65-01-06378-2(E-book)

1. Patrimônio cultural. 2. Forma de expressão. 3. Antropologia visual. 4. Comunidades quilombolas. 5. Referências culturais. I. Moraes, Lucinete Aparecida de. II. Rocha, Bárbara Freire Ribeiro. III. Título.

CDU: 304.44(817.3:811.7)

Bibliotecária-documentalista: Natasha P. de M. Oliveira – CRB-1 2897

Apresentação:



Editora:



Apoio:



PINDOBA
Grupo de Pesquisa em
Narrativas da Diferença



Este projeto foi contemplado pelo edital de fomento à Dança do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás, 16/2018.

Calíope

A Calíope: projetos e ações patrimoniais atua em instituições e empresas de salvaguarda patrimonial e difusão cultural, com foco em museus e centros culturais.

A Editora Calíope, uma divisão dedicada a produção de materiais de educação não formal, disponibilização e divulgação dos conhecimentos produzidos e resultados de projetos e pesquisas nas áreas do Patrimônio Cultural e Museologia.

www.caliopeempresa.com



Conselho Editorial

Bárbara Freire Ribeiro Rocha
Museóloga

Julia Mazzutti Bastian Solé
Arquiteta e Urbanista

Leonardo Martins Ferreira
Designer Gráfico

Lourdes Fernandes de Souza
Professora e Diretora do Colégio Estadual Quilombola Kalunga, Monte Alegre - GO

Luciana de Castro Mendonça
Relações Públicas

Lucinete Aparecida de Moraes
Historiadora e Antropóloga

Maria Aparecida da Silva Rocha
Revisora ortográfica

Natasha Pacheco de Mello
Bibliotecária

Waxiaki Karajá
Professora e Orientadora Educacional da Escola Indígena Maluá, aldeia Santa Isabel do Morro -
TO

Este livro, intitulado “Mestras e Mestres da Suça: Uma Conexão Antropológica entre Goiás e Tocantins”, é uma obra protegida por direitos autorais. Permitida reprodução, ainda que parcial, mediante citação e prévia autorização das autoras.

Mestras e Mestres da Suça

Uma conexão antropológica entre Goiás e Tocantins

Lucinete Aparecida de Moraes

Bárbara Freire Ribeiro Rocha

(organizadoras)

*“quando a saia roda,
mais alegria brota”.*

EPÍGRAFE

*“Minha fia, quando faltar palavras
é porque o corpo precisa dançar.*

*Suçã é movimento
que não deixa o corpo calar”.*

Dona Guilhermina, mestra da suçã de Nova Roma-GO.

DEDICATÓRIA

Conheci a suça em 2009, na cidade de Natividade em Tocantins, com o grupo Mãe Ana. Dona Felisberta, mestra responsável, convidou-me para entrar na roda. Os primeiros movimentos desajeitados, mas logo o corpo pegou jeito. E foi a primeira vez que senti no corpo o que os mais velhos diziam: “Quando a saia roda, mais alegria brota.”.

No ano seguinte, 2010, em outro trabalho de campo, na cidade de Nova Roma (GO), conheço dona Guilhermina – na época com 81 anos de idade – que me levou à comunidade Cana Brava. Dez anos depois, volto a campo para etnografar a suça com dona Guilhermina, que faleceu em 2021 durante a pandemia do vírus Covid-19, e não consegui entrevistá-la.

Aprendi com Guilhermina e Felisberta que o corpo também é memória e nos passos dançados pelas memórias das mulheres quilombolas que apresentamos os textos dessa expedição realizada de dentro para fora. Uma expedição da memória, do corpo-território para o corpo-mundo. Corpos políticos.

Esta obra é dedicada às mestras suceiras, Guilhermina e Felisberta, dos dois estados irmãos: Goiás e Tocantins.

Guilhermina e Felisberta, as vossas bênçãos!

Lucinete Aparecida de Moraes

PREFÁCIO

O girar das saias que movem o mundo

Luciene de Oliveira Dias

O grande movimento da vida é circular e tem uma força capaz de orientar, desorientar e reorientar a própria vida. Relevantíssimo tomar consciência de que somos nós quem agenciamos essa força motriz que, por sua vez, tem pertencimentos diversos.

É dessa maneira que acontece com nossos projetos, nossos desejos, nossas giras. E foi assim, também, que as cores e balanços das saias giradas pela suça da resistência, nos estados de Goiás e Tocantins, tomaram aqui o formato de livro, resultado de uma bela expedição.

Um dos grandes desafios foi colocar em imagens tudo o que foi vivido e compartilhado no escopo do projeto Mestras e Mestres da Suça: uma conexão antropológica entre Goiás e Tocantins. Estamos, então, diante de uma produção que junta mulheres quilombolas e comprometidas com o girar da suça, com a vida da tradição e com a produção coletiva dos saberes. Trata-se de uma conquista que parte de indagações e de muita vontade de fazer a diferença no cotidiano da suça e dos processos comunicacionais.

Também a escrita se apresentou como uma tomada de consciência de que a língua é viva. Os falares trazem significados plurais e localizados. O que a academia chama com relativa

tranquilidade de “sússia” ou “súcia” foi identificado nas vivências como “sussa” ou “suça”. A necessidade de subverter a língua oficializada como única é indicada pelo próprio dicionário em língua portuguesa, que define “súcia” como “grupo de indivíduos de péssima reputação ou de má índole; corja”. Para o projeto Mestras e Mestres da Suça, seu significado é movimento dançante, integração humana, herança festiva, aquilombamento, pulsão de vida.

Sendo assim, firmamos um acordo de escrita que diz que toda vez que queremos falar dessa rica expressão da cultura, desse potente movimento transformador, dessa força inquestionável do girar das saias coloridas, escrevemos suça. Esse é um exercício para juntar os sentidos da prática a uma escrita viva. Que seja suça todo o empenho pelo bem viver que marca os corpos negros, indígenas, rurais, quilombolas, mulheres e populares. Que seja suça essa publicação que traz algumas das muitas pessoas que conduzem ações de respeito às diferenças.

O que encontramos ao longo das páginas desse livro são abordagens de como se opera a vida e, ainda, o que a podemos fazer para que seja estabelecido o bem viver.

Compreender as operações da vida nos prepara para lidar com as perversidades cotidianas, lembrando que o projeto de dominação colonial continua racializando e inferiorizando quem não ocupa o lugar hegemônico. Por isso, o debate ganha sentido sempre que o girar das saias da suça – e de outras expressões de cultura – é colocado como uma questão que não é exclusiva ou limitada, mas sim coletiva e carregada de especificidades. A suça é aqui uma

forma de interpretar e construir um mundo com sentidos compartilhados exatamente por quem vive a cultura. Trata-se de uma expressão capaz de trazer para a superfície dos debates nossas linguagens, desejos, afetos, amores.

Síntese da vida, o girar das saias da suça traz de volta a circularidade do que antes era só um estado da Federação, Goiás. A geografia não separava Iaciara, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás em terras goianas, e reservava Arraias e Natividade a terras tocantinenses. Goiás e Tocantins foi uma separação política impossível de ser visualizada quando o que acionamos para pensar é a suça. O girar das saias da suça move muito mais do que a geografia oficial e alcança a própria circularidade do mundo.

Essa geografia que supera uma cartografia engessada por linhas de mapas sem corpo é o que garante a fluência da aproximação cosmológica entre a mestra Catarina, que nasceu em 1935 e foi para o Orum em 2020, e Sophia, que da altura de seus 13 anos de vida, não se constrange em afirmar que tomou amor pela suça. Ambas, a ancestral em Goiás e a adolescente no Tocantins, estão aqui reunidas para falar do girar das saias da suça. Elas representam somente um exemplo das tantas outras que podemos acessar pelas imagens e linhas aqui reunidas.

Dançar a suça é uma forma de vida que acompanha as comemorações, os agradecimentos, a festa e até o lamento. Quando chegam cestas básicas, a suça é dançada. Se há a necessidade de letramento e melhoria do desenvolvimento escolar, a suça também é dançada. É pela suça

que se marca a passagem de uma grande matriarca e é também por esse movimento dançante que as santidades padroeiras são festejadas. Se a política libera o autorreconhecimento, a suça é quem reúne a comunidade no movimento de reconhecer o que sempre foi.

E as saias giram coloridas e envolventes sempre que há o que se aglutinar. Essa dança movimento-cultura chamada suça mostra o seu girar centenário, evidenciando uma linguagem perfeitamente compreendida por quem a vive. Por isso também, a construção dessa publicação precisa romper com lógicas academicistas e letradas, incapazes de aglutinar o giro das saias da suça na própria escrita, e avançar para o vivido.

A mesma paleta de cores que passa por saias de tons azuis, amarelos, vermelhos e verdes alcança as imagens dos lugares aqui etnografados. Todas essas cores são unidas ao marrom predominante da terra de chão batido ou das igrejas inacabadas ou derrubadas. Todas essas cores são unidas ainda ao preto vivido com orgulho que reúne grupos quilombolas de Goiás e Tocantins, além do fogão a lenha e de todas as tintas necessárias para que esse livro gire pelo mundo.

São essas – e muitas outras aqui não nomeadas – as cores que formam a suça, que têm gênero, raça, pertencimento, localização, sexualidades e muito engajamento. O que encontramos aqui são imagens que pedem para ser vistas e revistas muitas vezes com a intenção de captar coletividades e vivências. O olhar é uma conquista que demanda emendar as pontas dos direitos de olhar e de ser olhada e, a partir daí, construir novas interpretações.

Mergulhar nas giras coloridas da suça é a condição para nos apaixonarmos por esse livro resultado de uma expedição que não tem fim. Essas giras coloridas têm suor, lágrimas e muitos risos que conformam existências que insistem em trazer vida para o mundo e movimentar o cotidiano de lutas e conquistas. A vida é condição para fazer a suça acontecer, sendo a alegria o seu principal ingrediente encontrado nos movimentos e nos encontros que são ensinados a cada geração.

Se – como disse a ativista Angela Davis ainda em 1979 – “numa sociedade racista, não adianta não ser racista, nós devemos ser antirracistas”, a suça consiste também em antirracismo. Essa afirmação é possível porque ser antirracista é trabalhar para combater o racismo, inclusive colocando a suça na pauta de políticas antirracistas. Nesse sentido, o projeto Mestras e Mestres da Suça é resultado de articulações políticas materializadas nessa narrativa aglutinadora de vidas.

Entre as aprendizagens está o comprometimento coletivo como estratégia para a construção de projetos antirracistas e a predisposição para alimentar um engajamento no movimento pela paz. Aprendemos que devemos sempre conjugar atitudes individuais e coletivas que conduzam ao bem viver. Importante destacar que esse bem viver deve estar orientado pela liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, respeito e solidariedade.

A suça é uma forma de rejeitar a violência e buscar respostas para os conflitos e fobias sociais a partir do movimento dançante e engajado. A paz possibilitada por esse movimento-

dança-cultura não significa ausência de conflitos, mas sim um acionamento para resolver conflitos a partir da não-violência, o que conduz a suça a uma postura democrática e de cooperação para que se instale a justiça.

O girar das saias da suça potencializa-se como mudança que produz cidadania. Quem dança, quem respeita, as escolas, os locais de trabalho, os poderes instituídos, a comunicação, as associações tornam-se agentes dessa mudança. O girar das saias da suça combate a pobreza, reduz as desigualdades, luta para alcançar a sustentabilidade e o respeito aos direitos humanos. A suça promove a liberdade de expressão, preserva a diversidade cultural e humaniza o próprio movimento lançando mão de valores éticos, morais e estéticos que nos despertam para o amor e o respeito.

A suça encontrada nas páginas desse livro – com a mesma intensidade que a suça vivida por tantas comunidades Brasil adentro – repercute e formula o amor. O amor, enquanto intercâmbio e comunicação, torna-se assim um componente importante da cultura e pode promover saúde e qualidade de vida. Quando bell hooks nos fala sobre o impacto da escravização de pessoas negras no ato de amar, ela faz o alerta de que as condições foram muito difíceis, mas não impossíveis.

Construir relações pautadas no amor significa, também, nos envolver no movimento dançante da suça como possibilidade. Esse é um projeto que anseia que a suça fale, sendo que falar é uma grande conquista, considerando o passivo histórico do silenciamento imposto

a todas as populações que vivem a suça. Conhecer e respeitar o girar das saias da suça é um ato de amor.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	12
PREFÁCIO	13
SUMÁRIO	21
APRESENTAÇÃO	23
METODOLOGIA	27
INTRODUÇÃO	31
PARTE 01 “UMA FORMA DE EXPRESSÃO EM DIFERENTES COMUNIDADES”	35
CIDADE 01 – NATIVIDADE (TO)	37
CIDADE 02 – ARRAIAS (TO)	69
CIDADE 03 – MONTE ALEGRE DE GOIÁS (GO)	79
CIDADE 04 – CAVALCANTE (GO)	92
CIDADE 05 – IACIARA (GO)	98
PARTE 02 “EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO”	117
EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO	119
GLOSSÁRIO	122
FICHA TÉCNICA	128

APRESENTAÇÃO

As comunidades que dançam a suça nos vãos de Goiás e Tocantins

Lucinete Aparecida de Moraes

O rio Paranã, serras, chapadas, vãos e cânions separam as comunidades quilombolas do nordeste goiano e sudeste tocantinense. Ali vivem mestras e mestres dos saberes e fazeres cotidianos que preservam seus territórios e operam a vida coletiva.

O território de Goiás foi dividido em 1988 com a criação do estado de Tocantins, mas não destruiu os laços de identidades traçadas pelo isolamento, luta e a resistência dos povos quilombolas, que do lado de cá, Goiás, são conhecidos como Kalunga. Do lado de lá, agora, são chamados de tocantinenses. “Mas, não tem suça só aqui (Natividade) não, cêis sabe que era tudo Goiás, mas em 1988 teve a divisão e viramos Tocantins. Lá em Goiás tem os Kalunga que dança sussa, cêis conhecem?” nos informa o Mestre Domingos, de Natividade (TO).

O projeto de pesquisa “Mestras e Mestres da Suça: uma conexão antropológica entre Goiás e Tocantins” buscou as conexões entre as histórias de vida, a relação natureza-cultura e a importância da dança da suça nas comunidades quilombolas. O projeto foi aprovado no edital de estímulo à dança do Fundo de Arte e Cultura do estado de Goiás, nº16/2018.

Nosso recorte territorial elegeu três comunidades goianas e duas comunidades tocan-
tinentes. São elas:

- 1) Grupo de Suça Tia Benvinda na cidade de Natividade,
- 2) Comunidade Lagoa da Pedra em Arraias,
- 3) Comunidades Quilombolas Extrema e Levantado em Iaciara,
- 4) Comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas em Cavalcante,
- 5) Comunidade Quilombola Kalunga Riachão em Monte Alegre de Goiás

O diagnóstico etnográfico é um documento no formato participativo, resultado nesse livro em que as pesquisadoras locais: Madalena Rocha, Lorryne Santos, Bia Kalunga, Lucrecia Dias e Verônica Albuquerque teceram suas escrituras sobre a suça, o território, mestras e mestres e suas comunidades, através de relatos de experiências e do inventário de referência cultural realizados entre 2020-2021, de forma híbrida, devido à pandemia de COVID-19, com orientação da museóloga Bárbara Freire e da historiadora Raissa José, sob minha coordenação.

A suça é o dispositivo de campo, de forma que a pesquisa possa tecer reflexões sobre a educação patrimonial nas comunidades e no entorno, como a própria universidade, o estado, a sociedade e sua relação com os territórios e comunidades quilombolas.

Com este trabalho homenageamos as mestras e mestres da suça em território goiano e tocan-
tinentense e pretendemos sensibilizar os jovens e as crianças para a continuidade de sua

valorização, como elemento identitário das comunidades quilombolas, além de divulgar de dentro para fora, do local para o global/virtual.

Especialmente para mim, foi a oportunidade que há muito desejava de exercitar uma antropologia compartilhada/dialógica. Com encontros virtuais, conversas pelas redes sociais, telefonemas, mensagens virtuais, co-criação de projetos de suça para a Lei Aldir Blanc 1 e com a flexibilização da pandemia do Covid-19 com visitas técnicas e vivências com interlocutores para a produção de documentos etnográficos.

Na busca pela suça encontramos outras categorias – gênero, corpo e território e podemos juntas CURAR, no sentido de curadoria, selecionar o que deve ser escrito/fotografado/filmado em favor das memórias coletivas e trajetórias das comunidades quilombolas.

Pesquisar a suça no momento de pandemia, em que todas as manifestações coletivas foram suspensas, parecia um “balde de água fria”. Como estudar a dança da suça sem o encontro coletivo?

Mas, aprendi que o corpo é também um território político e fui no fluxo das comunidades, num movimento bem diferente do tempo corrido das cidades.

Aprendi, acho, a não ter pressa! Põe a sua saia rodada, pega um instrumento da suça e venha dançar, se movimentar pelas comunidades SUCEIRAS.

METODOLOGIA

Movimento, sonoridade, agradecimento, confraternização, resistência, terra, chão, alimento, esperança, saber, herança, tradição, oralidade, vida e união. Suça, Sussa, Sussia, Sucia, Susia diferentes grafias da forma de expressão, que se manifesta em comunidades distintas.

(Diário de Campo, 29 de fevereiro de 2020 – I Seminário de Pesquisadoras sobre a Suça)

Bárbara Freire R. Rocha

A forma de expressão, a dança Suça, Sussa, Sussia ou Sucia como é conhecida, possui diferentes grafias e para o projeto Mestras e Mestres da Suça optou por utilizar a grafia Suça, com ç em seu título. Durante o I Seminário de Pesquisadoras sobre a Suça realizado entre os dias 29 de fevereiro e 01 de março de 2020, na partilha de experiências com pesquisadoras interlocutoras, Lorryne de Aquino dos Santos Rosa afirma que sua avó Natalina dos Santos Rosa conhecida como Dainda da comunidade Vão de Almas, utilizam a grafia Suça por estar relacionada a um sentimento de resistência. Mas perceberá ao longo do texto diferentes grafias, de acordo com a pesquisadora-interlocutora (membros das comunidades participantes que estão diretamente ligadas à forma de expressão pesquisada) e comunidade.

O projeto Mestras e Mestres da Suça: uma conexão antropológica entre Goiás e Tocantins propôs a realização de pesquisas de campo *in loco*, com a participação das pesquisadoras, pesquisadoras-interlocutoras e comunidades, nos municípios de Iaciara, Cavalcante e Monte Alegre no estado de Goiás, e Arraias e Natividade no estado de Tocantins. Para realização da

leitura dos territórios de atuação do projeto, história de vida das mestras e mestres da forma de expressão dança de Suça e inventário participativo.

O inventário participativo é uma forma de conhecer e documentar as referências patrimoniais locais, sob a perspectiva das pessoas da comunidade, cujo protagonismo e autoria são de seus interlocutores, ou seja, é um modo de pesquisar que busca a autoidentificação e autogestão dos patrimônios culturais, pelas comunidades detentoras dos patrimônios. Os técnicos/pesquisadores orientam as ações de coleta e organização das informações coletadas, tendo como preceito a ética e respeito às pessoas.

De acordo com FLORENCIO et. al. (2016, p. 07) “Inventariar é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local”. Os inventários participativos podem ser, ainda, importantes meios de reflexão sobre as referências patrimoniais, uma vez que propõe a pesquisa e coleta de informações pela comunidade local, de autogestão do patrimônio e de democratização na seleção dos patrimônios, uma vez que, não são pessoas externas à comunidade ou técnicos que determina o que é importante, o que deve ser preservado e como deve ser preservado.

Para fins desta pesquisa, estamos utilizando o termo ‘referências patrimoniais’ como recorte do termo ‘referências culturais’¹, representativo de indicadores de memórias. Nesse sentido,

o inventário do projeto tem como foco os indicadores de memórias das pesquisadoras-interlocutoras, suas vivências e referências locais sobre o território, forma de expressão e mestras e mestres, construindo uma narrativa sobre esse lugar e patrimônio cultural de forma autoral.

Para o inventário participativo, utilizamos como instrumento a Ficha de Inventário, adaptada para o projeto, para atender as necessidades específicas do projeto em relação ao conteúdo e cronograma de ação. Utilizamos como referência para estrutura e forma de trabalho a dissertação de mestrado da pesquisadora supracitada 'Uma proposta de Sistema de Documentação Museológica para um dos futuros núcleos do Ecomuseu Delta do Parnaíba - MUDE' (ROCHA, Bárbara F. R., 2017)², como também os materiais 'Educação Patrimonial: Inventários Participativos' (FLORÊNCIO et. al., 2016)³, a ficha é um documento adaptado das Fichas do Projeto de Inventário de Referências Patrimoniais do Museu do Alto Sertão da Bahia – MASB (MORAES WICHERS et. al., 2013)⁴.

Inicialmente, o inventário foi pensado para execução nas comunidades com a participação presencial de pesquisadoras, pesquisadoras interlocutoras e comunidade, entretanto,

1 - Referências culturais: "Referências culturais são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura" (Florêncio et. al., 2016, p. 08).

devido ao atual contexto pandêmico de Covid-19, para a segurança das pesquisadoras, pesquisadoras-interlocutoras e comunidades participantes do projeto, especialmente, por serem grupos minoritários, grande parte isoladas nos quilombos em zonas rurais, com problemas de acesso ao sistema público de saúde, e cujos mestres e mestras são pessoas idosas, reconhecidamente como o grupo de risco da doença, a equipe optou por realizar essa ação de maneira remota.

Pesquisadoras e pesquisadoras-interlocutoras realizam o trabalho de orientação, pesquisa e organização das informações por telefone, e-mail e/ou videoconferência, e as pesquisadoras-interlocutoras realizam o trabalho de coleta de informações presencialmente em suas comunidades em diálogo com as pesquisadoras.

O cronograma de execução dessa etapa do trabalho foi estendido para que as pesquisadoras-interlocutoras realizassem o trabalho de escuta e diálogo com a comunidade e escrita das informações na Ficha de Inventário do projeto. As informações coletadas e organizadas serão compartilhadas em dois produtos do projeto, livro e exposição.

2 -ROCHA, Bárbara Freire Rocha. Uma proposta de Sistema de Documentação Museológica para um dos futuros núcleos do Ecomuseu Delta do Parnaíba – MUDE. Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí, 2017.

3 - FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim; BEZERRA, Juliana Izete M.; CLERT, Pedro; CAVALCANTE, Ivana Medeiros P.; SILVA, Juliana de Souza; LONG, Larissa; KROHN, Ellen Christina R.; SILVA, Anna Paula; MEDEIROS, Maria da Glória; DUTRA, Maria Vitória de M.. Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação. IPHAN, Brasília - DF, 2016.

4 - MORAES WICHES, Camila Azevedo de; MORAES, Carine Novaes; CARVALHO, Bernardo; DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Projeto de Inventário de Referências Patrimoniais do Museu do Alto Sertão da Bahia – MASB. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2013.

INTRODUÇÃO

No balanço das saias e no toque dos tambores das comunidades quilombolas de Goiás e Tocantins

Raíssa Santos José

A dança da suça nas comunidades quilombolas Kalunga sempre estiveram ligados às manifestações religiosas, como uma forma de agradecimento, em especial em período de colheitas.

Ainda hoje, as mulheres de comunidades com as suas saias rodadas, e os homens entre os tambores e as bruacas são os responsáveis pelo toque que marcam os passos da resistência quilombola.

A dança, é a Suça, que também poder ter como grafia a "sussia", ou simplesmente "sussa", todas estão certas. E, em cada comunidade, um santo é agraciado com o balançar das saias e entre eles o mais popular é São Sebastião (protetor da fome, das pestes e das guerras). Gira a folia com donativos, para que possam ser leiloados, e – pelas graças alcançadas – a Suça marca presença.

O povo Kalunga acredita que a realização da folia é uma forma de agradecer e de receber as bênçãos para os momentos difíceis vividos por aquele grupo social. Eles acreditam também que o santo lhes concederá graças, bênçãos, curas e interseção junto a Deus e garantirá fartura à mesa.

(Santos, Pedroza, Almeida, 2021, p, 07) ⁵

Com as graças alcançadas, entende-se que o balançar das saias é mais um movimento do encontro de gerações, as mestras, com o balançar e os compassos mais lentos e as crianças e os jovens que não deixam para trás o aprendizado, onde a dança – além de ser uma forma de agradecimento – passa a ser um símbolo de resistência e respeito sobre as mulheres negras que, por anos, ficaram debaixo dos malefícios do colonizador.

Assim, com todo o aprendizado nas rodas de suça, que se dá no chão batido, debaixo de árvores, mulheres descalças, voltando aos tempos em que o chão era a troca de energia, este mesmo – hoje – estando coberto por camadas grossas de asfaltos e pela tecnologia, passam a adentrar os afazeres dos Kalunga, e entre a tradição e a modernidade, a suça se faz presente.

Destaques também merecem os mestres que juntamente com os passos marcados e o balançar dessas saias brancas ou coloridas se encarregam de marcar o compasso através da música, puxando a roda com os seus versos que mostram o cotidiano e a imaginação da comunidade. Dançar, agradecer e ensinar que o balanço da saia realmente gira o mundo entre rezas, cantos, danças e agradecimentos.

A saia colorida ou branca é o símbolo de resistência das mulheres que atualmente saem das suas comunidades em busca de realização de sonhos maiores, mas voltam para as suas raízes, voltam, para vestir as suas saias e sentir a energia transmitida pelo chão batido e o afeto dos seus.

Nesse livro fica evidenciada a importância das mestras como a Iaiá Procópio, de Monte Alegre, a Tia Dainda, de Cavalcante e a mestra Catarina de Iaciara que, durante a pandemia do Covid-19, se recolheu para junto ao seu padroeiro, São Sebastião. E, não posso deixar de mencionar o pioneiro projeto de educação patrimonial em Natividade/TO em que o Mestre Domingos e a professora Verônica chamam as crianças e adolescentes do Grupo de Suça Tia Benvinda para vestirem as saias, tocar os instrumentos e dançar a Suça nas ruínas da Igreja do Rosário de Natividade (TO). E o papel do audiovisual, para construção de memórias, como o filme: A Súsia, de Lucrécia Dias, quilombola da comunidade Lagoa da Pedra em Arraias (TO).

Que as novas gerações não percam o balançar das saias e o toque dos tambores.

5 - SANTOS, Rosirene Campêlo dos; PEDROZA, Reigler Siqueira; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de; A dança e seus significados na comunidade Quilombola Kalunga em Goiás/Brasil; Revista Pensar a Prática. 2021, v.24, 18.p. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/article/download>; Acesso em: 25. abr. 2022

Uma forma de expressão
em diferentes comunidades

Parte 01

Cidade 01 - NATIVIDADE (TO)

Relato do Grupo de Suça Tia Benvinda – Natividade – Tocantins

Este Relato descreve experiências e/ou memórias do coletivo cultural Grupo de Suça Tia Benvinda, da cidade de Natividade (TO), através da responsável/representante do grupo, Verônica Tavares de Albuquerque – com a orientação de Simone Camêlo Araújo – apoiadora do projeto. O referido relatório busca atender os objetivos do Projeto Dançadeiras de Suça – uma conexão Antropológica entre Goiás e Tocantins – Edital de Fomento e Incentivo a dança 16/2018 – Fundo de Arte e Cultura de Goiás – FAC; nome alterado para Mestras e Mestres da Suça – uma conexão antropológica entre Goiás e Tocantins, com aprovação do Conselho Estadual de Cultura de Goiás, em junho de 2020.

Neste projeto de conexão antropológica entre os dois estados irmãos (GO/TO), Natividade ratifica sua importância como referência cultural no estado do Tocantins, e tem a oportunidade de mostrar o que a comunidade realiza atualmente com suas tradições seculares, transmitindo saberes e fazeres, dando visibilidade e notoriedade as suas raízes.

A representante de Natividade, Simone Camêlo Araújo, participou das discussões iniciais do projeto das Dançadeiras de Suça e se tornou uma das revisoras de conteúdo. Após algumas alterações na execução do projeto, Natividade passou a contar com a representação

da professora Verônica Tavares de Albuquerque, como pesquisadora local, e Simone Camêlo Araújo, como orientadora.

Natividade (TO) encontra-se na região sudeste do estado, a 218 km da capital Palmas, e é reconhecida como cidade-mãe do estado de Tocantins. Segundo a maioria dos historiadores, a origem é datada no ano de 1734, o fundador é Antônio Ferraz de Araújo e a primeira fixação dos exploradores foi na serra costeira – pela existência do precioso metal - o ouro.

No início, essa localidade foi disputada pelas províncias do Grão-Pará, do Maranhão e a de São Paulo. Pertencendo, legalmente, na área da província de São Paulo, depois Província de Goyaz, a ocupação foi denominada Arraial de São Luiz, e, posteriormente, Natividade.

Atualmente, encontram-se no espaço, vestígios em ruínas de habitações, cercados, muros, caminhos, canalizações entre outros. Nos séculos XVIII e XIX vários fatos ocorreram, que ratificam a importância histórica cultural de Natividade na região norte do então estado de Goiás, atualmente área do Tocantins.

A escravidão nesse período era constitucional e não diferente do restante da colônia portuguesa, contando com o trabalho escravo. É citado por historiadores que aproximadamente 40 mil negros escravizados trabalharam na região de Natividade durante o período escravocrata. O certo é que os negros foram explorados de todas as formas e viviam em situações precárias. Mas é registrado também que esses povos cativos resistiram,

se adaptaram, ressignificaram e se tornaram atores singulares no processo de construção das referências culturais do país.

A forte cultura orgulha não somente os descendentes afro-brasileiros, mas a todos os brasileiros. São tradições africanas, que misturadas às do europeu e indígena, resultou em uma grande diversidade cultural, com reflexos no dia a dia, na culinária, nas festividades, na musicalidade e danças e mais uma infinidade de coisas que perpetuam por várias gerações. Em Natividade isso é fato!

Natividade possui aproximadamente 10 mil habitantes, cada vez mais fixados na zona urbana. Assim como várias outras localidades do cerrado brasileiro, a pecuária exerce grande importância, mas, em Natividade, ela está sendo exercida cada vez mais por investidores de outras regiões e o agronegócio começa a ocupar espaço com o plantio da soja. Está em crescimento. No entanto, são vários os reflexos nas tradições populares desenvolvidas na zona rural e na urbana. A tendência é que as manifestações populares se concentrem cada vez mais na zona urbana.

O Patrimônio cultural de Natividade possui grande relevância. No patrimônio material, o conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico do centro histórico foi reconhecido como patrimônio nacional, inscrito em três, dos quatro Livros de Tombo, em outubro de 1987. São aproximadamente 250 imóveis no perímetro tombado – com destaques das igrejas e espaços públicos - praças e largos.

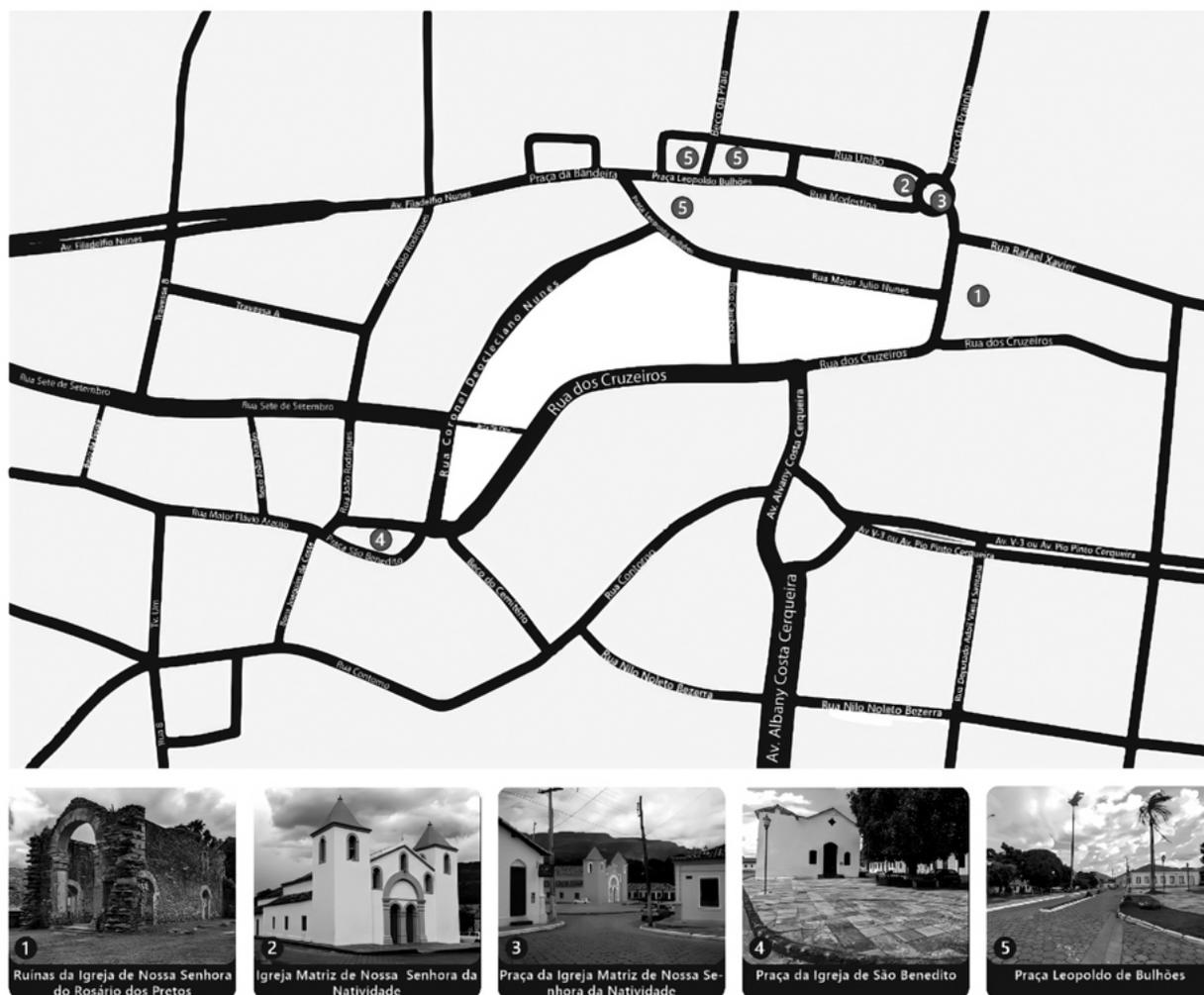


Figura 1 – Centro Histórico de Natividade – Tocantins

Fonte: Acervo Pessoal de Simone de Natividade

O patrimônio natural que mais se destaca é a serra costeira. A cidade se complementa com a serra. Essa aproximação não só imprime à ocupação geral do solo um certo caráter, mas representa uma presença constante na paisagem urbana, colaborando para a identificação dos lugares e a orientabilidade na cidade (Plano Diretor-2005); além das opções de lazer existentes (locais de banho, trilhas e locais de contemplação) e os vestígios da época da mineração, do século XVIII.

A fé é um ponto forte que marca o calendário festivo local com celebrações religiosas de abrangência estadual (Festa de Reis, Festejos do Divino Espírito Santo, Romaria Senhor do Bonfim e Padroeira Nossa Senhora da Natividade, padroeira da cidade e do Estado) e de manifestações artísticas (dentro das festividades as Folias de Reis e do Divino se destacam com seus cantos de louvor, agradecimentos, rodas, catiras e a dança suça executadas pelos foliões) que extrapolaram as festividades e ganharam vida própria com a formação de grupos - Catireiros de Natividade, Grupo de Dança Mãe Ana, Grupo de Suça Tia Benvinda - para apresentações ao público, sempre que solicitados.

Destaque também para a arte do saber fazer, com a existência, entre outros, de ourivesarias – oficinas para confecção de joias artesanais em ouro e prata – e de locais de confecção dos bolos e biscoitos tradicionais (como o amor perfeito), artesanato em miniaturas e trabalhos manuais temáticos. Todas essas características estão contribuindo com a geração e melhoria de rendas, mas acima de tudo, contribuindo para que Natividade possua um patrimônio imaterial de grande significância, com projetos que possibilitam desenvolvimento local, com sustentabilidade.



Figura 2 – Bandeira do Divino

Fonte: Acervo Pessoal de Simone de Natividade

A Suça

A grafia para o nome dessa dança cultural difere no Estado, de região para região, onde é praticada, geralmente se escreve de acordo com a forma que é pronunciada em cada localidade – súscia, sússia ou súcia, sussa ou suça. Em Natividade, a pronúncia e escrita é a mesma, “suça”.

Lá, a SUÇA sempre foi dançada pela comunidade nos festejos tradicionais populares (tocada por foliões e dançada espontaneamente pelos devotos). Conta-se também a existência, antigamente, de rodas de suça, denominada batuque. Com a criação do estado do Tocantins, em 1988, e um destaque maior do município, como a localidade mais antiga do estado, reconhecida nacionalmente como patrimônio nacional, aos poucos foi se consolidando e ampliando as formas de expressão da cultura local. Assim, a suça passou a ter destaque nos eventos oficiais públicos e privados realizados com participação de Natividade. E aos poucos se tornou um produto turístico, com apresentações em espaços e palcos como importante manifestação da cidade.

Algumas características são comuns, como a formação da roda, os pares brincantes na dança, o canto dos versos curtos e repetidos, a sensualidade do bailado, a tentativa de conquista do par e vários pares dançando ao mesmo tempo, com uma alegria contagiante. Outra característica importante é a utilização da música jiquitaia cantada para encerrar a roda de suça. A jiquitaia é uma formiga; quando picado por ela, dói, coça e queima.



Figura 3 – Instrumentos da Suça

Fonte: Acervo Pessoal de Simone de Natividade

Os instrumentos

Os instrumentos de percussão são confeccionados artesanalmente. Nas apresentações específicas de suça em Natividade, utiliza-se tambores de cerâmica (barro), conhecidos como tamborim, caxambu ou chamego e fuxico. Utiliza-se ainda os tambores de madeira, feitos com árvores leves como a canjirana, o abacateiro, tamboril ou cajueiro do cerrado. O tambor é encourado em uma das extremidades, com couro de gado ou de bode (antes era comum utilizar couro de veado). Um dos tambores de madeira, denominado de roncador, guariba ou puxa-tripa (uma grande cuíca), difere por ter no seu interior uma madeira comprida, roliça, acoplada ao couro que, ao ser puxada com um tecido úmido, emite um som parecido com o esturro de onça, segundo os praticantes

Na suça utilizam-se também outros instrumentos. Nas folias, toca-se a suça utilizando a caixa, a viola e os pandeiros – que são os instrumentos utilizados pelos seus integrantes – os foliões. À frente dos cortejos das festas tradicionais que têm o mastro, os instrumentos se juntam (os tambores tradicionais aos instrumentos da folia) e a maioria das letras das músicas são específicas para o momento, encerrando com o convite para entrar na roda.

A Suça na escola

Para falar da suça na escola, deve-se apresentar inicialmente a professora Verônica Tavares de Albuquerque, pernambucana, nascida na cidade de Nazaré da Mata (PE), que veio para o Tocantins em janeiro de 2009, com o objetivo de prestar concurso público na área da educação. Assim aconteceu, e no mesmo ano passou a ministrar aulas em Natividade. Seu primeiro contato com a suça foi na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, quando o conteúdo programático se referia a Natividade.

Através de bate papos e conhecimento prévio sobre o conteúdo, surgiu o “tema suça”. Na época, um aluno chamado Alexandre Pereira da Silva, neto da mestra de suça – dona Felisberta Pereira da Silva – e participante, desde criança, do Grupo de Suça Mãe Ana, falou a respeito dessa dança centenária, despertando a curiosidade e necessidade de pesquisa.

A professora Verônica percebeu que a maioria dos alunos não sabiam falar sobre essa manifestação popular, tão singular. Então foi proposto trabalhar sobre o tema, por achar que seria válido que os discentes aprofundassem o conhecimento. Através de vídeos disponíveis na web, de contato direto com detentores do saber, a professora se sentiu totalmente envolvida na cultura local e, mesmo não sendo de Natividade, percebeu a importância da dança como um projeto de educação patrimonial.

A partir do ano 2010, a suça de Natividade foi tema das aulas de história ministradas pela

professora Verônica Tavares de Albuquerque, para alunos dos 6º anos do ensino fundamental final, onde no conteúdo programático, “O município onde se vive”, elencava o patrimônio histórico cultural material e imaterial da comunidade fazendo com que muitas descobertas acontecessem nas salas de aula. Com o desejo de despertar cada vez mais a valorização da identidade cultural do alunado e fazê-los reviver o sentimento de pertencimento, a professora propôs atividades utilizando a metodologia de sala de aula invertida, onde o discente vai em busca de pesquisar e trazer para sala de aula o conhecimento adquirido para debater, repassar e absorver maiores informações.

Foram feitas entrevistas com mestras e mestres detentores do saber da suça na comunidade, como a líder do Grupo Mãe Ana - Felisberta Pereira da Silva – pesquisas em publicações, mesas redondas com estudiosos do tema, como por exemplo a presidente de honra da Associação Comunitária Cultural de Natividade - ASCCUNA, Simone Camelo Araújo, e com técnicos do Escritório do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em Natividade (TO).

Ao finalizar todos esses estudos, surgiu o interesse dos alunos em dançar e tocar a suça. Criou-se assim em 2011 o primeiro movimento de dança de suça na escola Nossa Senhora de Fátima, formando o “Grupo de Suça Dona Felis”, em homenagem a mestra Felisberta Pereira, do Grupo Mãe Ana, referência na cidade e região.

Percebeu-se, a partir de então, o valor da cultura local e o orgulho de cada indivíduo em

se reconhecer dentro de todo esse processo histórico. Na escola, a suça se tornou um projeto, sendo realizadas rifas, sorteios para adquirir as vestimentas necessárias para oficializar o grupo e assim estarem prontos para apresentações. Dançavam ao som de mídia digital (cd ou pendrive) por não terem instrumentos próprios. E assim, cada vez mais crianças e adolescentes dessa unidade escolar queriam participar do grupo e conhecer mais sobre essa cultura dançante. Foi um sucesso a ação escolar!

O grupo de Suça Tia Benvinda

Na escola Nossa Senhora de Fátima, onde a professora Veronica leciona até os dias atuais, o ensino vai até o 9º ano do ensino fundamental 2, sendo o ensino médio ministrado em outra unidade escolar. Os alunos que iniciaram no projeto suça na escola, ainda nos 6º anos, após 3 anos, agora já estariam saindo desta unidade escolar e não poderiam mais ser integrantes do Grupo de Suça Tia Felis. Surgiu assim o interesse e a oportunidade de ampliar o grupo para além da escola, onde os integrantes poderiam aprender e ensinar a todas as crianças e adolescentes da comunidade que tivessem interesse. Ao mesmo tempo, a demanda turística, crescente em Natividade, reforçou a importância da formação de um grupo de suça e ser acrescentado no roteiro já existente, o turismo de experiência, onde o turista poderia vivenciar a cultura dançando, tocando e cantando com os integrantes do novo grupo.

Incentivada pelos ex-alunos e pelo Conselho Municipal de Turismo - COMTUR, a professora Verônica, que já vinha do projeto na escola, se tornou a idealizadora e coordenadora do novo grupo – formado em janeiro de 2017. Os integrantes iniciais foram jovens que tinham participado do Grupo da escola e crianças que ainda eram seus alunos. As apresentações tiveram foco nas festividades e para turistas, no Roteiro de Vivências.

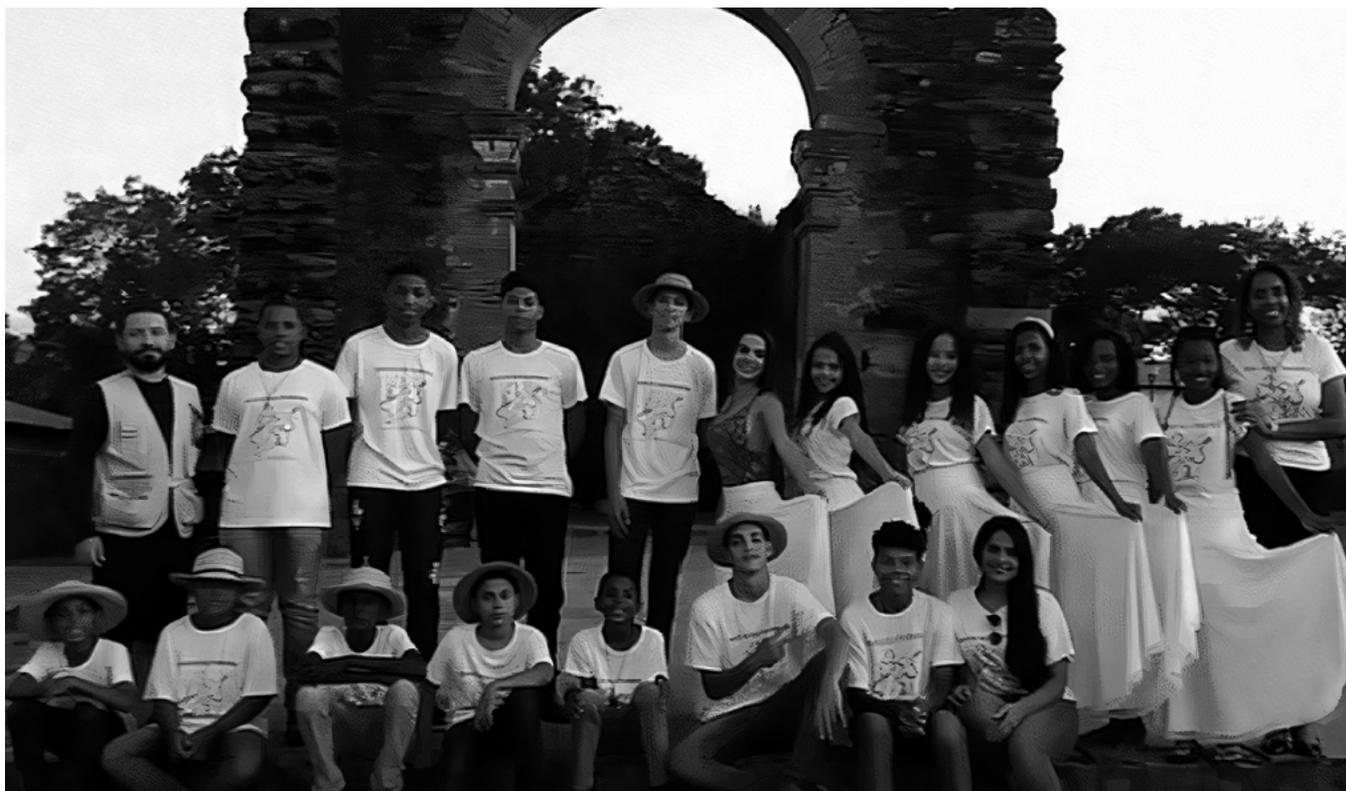


Figura 4 – Grupo Tia Suça Benvinda nas Ruínas de N.S. Rosário dos Pretos

Fonte: Acervo Pessoal de Simone de Natividade

Buscou-se parcerias! Contou com o apoio da gestão escolar e uma importante parceria com a ASCCUNA - Associação Comunitária Cultural de Natividade – que entre outras ações sugeriu o nome do grupo, a criação da logomarca, empréstimos e doações de vestimentas (saias, camisetas e chapéus), apoio em apresentações nas festividades populares e eventos, repasse de conhecimentos sobre Natividade, fornecendo textos e publicações sobre a suça.

A membro Simone Camêlo esteve presente nos ensaios, nas apresentações, dando

orientações e registrando com fotografias e vídeos, viabilizando divulgações nas redes sociais, jornais e TV. Foi e é de fundamental importância a participação dos familiares dos integrantes, onde em diálogos constantes, permitem um acompanhamento e apoio nas atividades desenvolvidas.

O Grupo foi denominado TIA BENVINDA, em homenagem a uma negra da comunidade, da zona rural, que gostava e dançava muito bem a suça. A mestre nativitana Benvinda Avelino Dias (in memoriam), participou no início do processo que deu destaque à suça como manifestação tradicional e do repasse dos conhecimentos às novas gerações na década de 1990, em uma ação da ASCCUNA. O nome foi uma sugestão da entidade, acatada pelos membros do novo grupo da suça.

Iniciou com 14 integrantes e atualmente, conta com duas turmas, os mais experientes e os aprendizes, totalizando 45 integrantes. Para participar, tem regras a seguir.

É trabalhado os porquês e para que se dança a suça. A metodologia do grupo atenta para a formação social de cada indivíduo, buscando unir pertencimento histórico cultural com a disciplina, o respeito aos demais e



também o compromisso estudantil. Sendo assim, o acompanhamento familiar e escolar é prática contínua com as crianças e adolescentes do grupo. A professora Verônica mantém contato direto com as unidades de ensino onde os integrantes estudam em concordância com os pais, que apoiam a iniciativa.

O grupo realiza rodas de suça semanais para seus integrantes (os ensaios), e são abertos a demais pessoas da comunidade que queiram participar. Utiliza espaços públicos do centro histórico, como praças e largos, tendo como local principal para os aulões, as Ruínas da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Os repasses são realizados, de forma voluntária, pelos integrantes mais antigos do grupo e, esporadicamente, conta com participação de mestres da comunidade como por exemplo, Mestre Domingos Pereira da Silva. O mestre Domingos colaborou na transmissão, principalmente, do saber do toque, do batuque, do ritmo com os instrumentos, até o falecimento em novembro de 2023. Repasse do saber, fazendo!

Pelas apresentações aos turistas, recebe-se um cota-auxílio, de acordo com o número de envolvidos. Os recursos, inicialmente, contribuíram para adquirir instrumentos e, hoje, integrantes os recebem como prêmio pela participação.

Ampliando os objetivos e, com a intenção de gerar renda para os adolescentes e familiares integrantes do Grupo de Suça Tia Benvinda, com outra parceria, através da empresa Simone

de Natividade, foi elaborado o projeto que foi contemplado no Prêmio de Culturas Populares Leandro Gomes de Barros - ano 2017, que estruturou o grupo e propiciou juntamente com os parceiros Sebrae/TO e COMTUR (Comitê de Turismo de Natividade) a possibilidade de capacitar os membros em uma oficina de artesanato em casca de cajá e cerâmica referente a cultura nativitana – ministrada pelo mestre Marcio Bello.

Hoje, produzem os instrumentos musicais utilizados e também comercializam, sob encomendas. Além disso, passaram a produzir souvenirs/lembranças temáticas da arquitetura colonial da cidade, que ajudam na renda dos novos artesãos.

A sede do grupo

Foi construída em um espaço cedido no lote da casa da professora Verônica. A sede se tornou possível em uma parceria com a empresa Simone de Natividade que juntas elaboraram o projeto selecionado no Edital Aldir Blanc Tocantins. O espaço atende às necessidades para desenvolver todas as atividades do grupo e é onde funciona a oficina de artesanato.

A família da professora está envolvida no projeto. A filha Letícia, nascida em 2013, é dançarina e conta com o apoio constante do esposo Gercione Pereira da Silva, que é artesão. No artesanato, foram os participantes Gercione Pereira e o Nathanael Ribeiro que se capacitaram e repassaram o conhecimento para os aprendizes. No ano de 2022, o membro

Nathanael mudou-se para Gurupi (para cursar faculdade), ficando o mestre artesão Gercione responsável pela continuidade do repasse do saber.



Figura 6 – souvenirs

Foto: Acervo Pessoal de Simone de Natividade

As vestimentas

Do Tia Benvinda são camisetas com logomarca do grupo, saias rodadas brancas, calças jeans, chapéus de embira, as mulheres dançam na maioria das apresentações descalças e os homens, utilizam botinas. Nas apresentações, são disponibilizadas saias ao público feminino, para que entrem na roda e tenham a vivência.



Depoimentos

A memória da suça sempre esteve viva em cada indivíduo que participou ou participa do grupo dançante. Seus familiares (pais e avós) na infância também registram suas experiências nas rodas de suça e expressam a emoção de ver a continuidade dessa arte pelos seus descendentes. Em uma pesquisa feita em junho/2020, via WhatsApp (devido a pandemia da Covid-19), com as mães dos integrantes do grupo sobre a suça, foi mostrado o quanto essa cultura está intrinsicamente ligada à vivência dessa comunidade há muito tempo. Acompanhe alguns relatos:

Antonieta da Silva, mãe de Richarlllys, diz: A suça representa alegria, preservação da cultura, uma herança vinda dos negros. Incentivo meu filho pois além dele amar tocar e dançar, ainda valoriza a cultura da cidade dele. No meu tempo de criança a dança da suça não era bastante conhecida como é hoje, mas sempre foi divertida, contagiosa.

Amarildes Dionisio, mãe da Emyle: Pra mim a suça representa cultura, amor! Incentivo minha filha a dançar porque acho muito linda a cultura! Meu pai dançava! Então quis que minha filha seguisse essa cultura e não deixar acabar. Conheci a suça nos pousos de folia que meu pai dançava.

Cássia Tavares, mãe de Luiz Felipe e Eduardo Pereira: A suça representa parte importante da minha história tocantinense. Está sempre presente no cotidiano da minha família. Incentivo

meus filhos a participar do grupo de suça porque precisamos manter viva a preservação e o amor pela nossa cultura.

Maria Sylvania Tolentino, mãe de Narian: A suça representa nossa cultura! Incentivo Narian porque é uma dança cultural. Além disso o Grupo de Suça Tia Benvinda incentiva a ter disciplina e respeito. Sempre gostei muito da suça, hoje incentivo minha filha a dançar porque acho que é um resgate da nossa cultura, e tenho primo que toca e dança suça aqui em Natividade. Meus avós e pais conheciam muito a suça.

Elisangela Almeida, mãe de Sophia: É uma cultura que ajuda muitas crianças e adolescentes a se encontrar, saber sua importância no mundo, de se sentirem especiais por saber uma arte e cultura tão antiga. Acho que é importante para o crescimento pessoal, pois saber uma arte nos faz sentir mais felizes. Não somos dessa região, então na minha infância não conhecia a suça, mas acho tudo muito lindo e de grande valor.

Os dançantes do grupo Tia Benvinda demonstram o sentimento de pertencimento e o desejo de prosseguir a história da nossa comunidade. Fundamental característica para perpetuar essa dança centenária. A seguir são citados alguns depoimentos, coletados em 2020 (nome do integrante e ano de nascimento):

Ludmila Alves, 2007: Há dois anos atrás, no 6º ano, a professora Verônica fez uma seleção para entrar no grupo de suça Tia Benvinda, porém eu não estava presente e acabei não sendo

escolhida, mas mesmo assim eu ia acompanhar minhas outras amigas nos aulões de suça.

No ano seguinte fiz a seleção novamente e entrei para o grupo. Fiquei muito feliz! E assim começou minha história no grupo. Danço suça porque gosto muito e com esta dança relembro dos meus antepassados. A cada toque no tambor eu digo: - Ó meu Senhor, como é bom celebrar essa dança! O meu corpo se contagia com a dança, os arrepios a flor da pele! É tão bom e ao mesmo tempo inexplicável!

Luiz Felipe Pereira, 2009: A Suça entrou na minha vida com muito interesse em aprender essa maravilhosa cultura. Toco por felicidade, por contemplar essa cultura.

Eduardo Pereira, 2012: A Suça entrou na minha vida quando fui pra casa da minha tia e vi que tinha pessoal lá dançando e cantando. Danço Suça por felicidade.

Letícia Albuquerque, 2013: Desde pequena eu via todo mundo dançando suça e pedi uma saia pra minha mãe para dançar também. Eu acho a suça maravilhosa, uma cultura linda que os negros trouxeram pra nós e quero que a suça seja compartilhada para todo o mundo.

Tiago Magalhães, 2002: Bem, a suça entrou na minha vida ainda criança, através de um trabalho de escola pra ser apresentado no “dia da consciência negra”. Eu gosto muito da suça, na verdade eu amo! Pra mim suça é vida, é uma identidade que tem que ser preservada! Conheço todos os instrumentos da suça, apesar de ter alguns que eu não toco como a viola

e a caixa. Os instrumentos da suça são feitos a maioria de madeira ocada e couro de animais como de vaca, bode ...e tem outros instrumentos que são feitos de barro mais também eles utilizam o couro de vaca.

Richarllys Souza, 2006: A primeira vez que tive o contato foi através dos pousos de folia dos festejos do Divino Espírito Santo, mas dançar de fato a suça foi quando entrei para o grupo Tia Benvinda, e isso foi muito fascinante para mim. A dança é algo que me contagia, além de pertencer a cultura da cidade onde moro, quando toco os instrumentos ou danço me sinto como as pessoas daquela época que dançavam e eu carrego isso comigo sempre e quero sempre valorizar.

Narian Tolentino, 2007: A suça foi uma oportunidade que eu tive. A professora Verônica falou que tinha vagas abertas para nós, mas que tinha que ter comportamento e disciplina e ter a permissão dos pais. Eu quis participar pois acho muito bonito a cultura. Eu danço porque gosto da cultura, gosto de poder preservar essa dança.

Sophia Nonato, 2006: Então, em 2018 a Professora Verônica estava escolhendo crianças e jovens para entrar no grupo de suça Tia Benvinda e eu resolvi me inscrever e entrei. Eu amo a minha cultura, desde criança eu olhava a Tia Felisberta (Grupo Mae Ana) dançando a suça nas festas religiosas e tomei amor pela suça.

Biografia do Mestre Domingos Pereira da Silva, **"Domingos da Suça"**

Filho de Irineu Pereira da Silva e Guilhermina Pinto da Silva, Domingos nasceu na zona rural de Natividade no dia 11 de setembro de 1954. No Cartório de Registro Civil, em pesquisa realizada por Simone de Natividade, constatou-se que o Domingos somente foi registrado quando já tinha 11 anos, sem citação do local em que nasceu. O seu registro foi realizado no mesmo dia juntamente com os dos outros oito irmãos, como era costume antigamente.

Casou-se com Altina Cardoso da Silva (in memoriam, falecida em 2015) com quem teve oito filhos, com vários descendentes.

Ele relatou que teve uma infância difícil, sempre na roça, trabalhando para ajudar seus pais. Morou também com seu avô materno, Ângelo Pinto da Silva.

A vivência com a suça veio através do seu pai (Irineu) e do avô materno (Ângelo), que sempre tocavam e cantavam suça.



Os contatos iniciais foram dessa forma, vendo uma ação constante e participando, desde criança, que o Mestre Domingos cresceu amante da arte da dança da suça. Aprendeu com seu pai a confeccionar os instrumentos em cerâmica e madeira, tendo maior habilidade na confecção dos instrumentos em madeira.

Segundo ele, em todos os momentos da sua vida a suça sempre esteve presente e é algo que o emociona.

Com a criação do Tocantins, em 1988, Natividade se tornou a maior referência histórica cultural do estado. Assim, as manifestações realizadas localmente passaram a ter dimensões maiores, e a suça ganhou destaque e também apresentações nos palcos em vários lugares do Brasil.

No ano de 2000, Domingos participou da criação do Grupo de Suça Mãe Ana, juntamente com sua esposa Altina, cantando e tocando tambores de cerâmica. Ele com o caxambu e ela com o fuxico. Ela tocava quando faltava algum dos tocadores, sendo sua função principal a de dançarina – o que fazia com grande desenvoltura e beleza. O casal, mesmo morando na zona rural, participaram ativamente do grupo. A esposa faleceu em 2015, mas ele continuou.

No grupo de suça Mãe Ana, participou da gravação de músicas para alguns CDs Coletâneas e um CD denominado Raízes de Natividade, projeto da ASCCUNA, que foi contemplado no Edital do Banco da Amazônia, no ano de 2011, com lançamento em junho de

2012.

No grupo de Suça Tia Benvinda, o parceiro Domingos ampliou sua atuação como mestre ao sair apenas do seio familiar e passou a repassar seus conhecimentos a um maior número de crianças e adolescentes. O início das atividades foi no ano de 2017. O comprometido mestre Domingos, sempre que vinha à cidade de Natividade, procurava a sede do grupo Tia Benvinda para tocar tambor e bater um papo sobre o dia a dia, tornando esses encontros, momentos de grandes trocas e alegrias.

Perguntado sobre o que sentia quando tocava e cantava a suça, o mestre respondia:

“Aquilo ali eu sinto um prazer! Pra mim parece que nós tem tudo na vida! Eu gosto!!! Faço tudo com gosto...”

O Mestre Domingos era aposentado, e complementava a renda com a comercialização de instrumentos tradicionais da suça e uma pequena lavoura que sempre cultivava na fazenda onde morava. E, na maioria das apresentações nos grupos de suça que participava, o mestre recebia cachê ou prêmio.

O caminho

A demonstração de satisfação em preservar essa cultura dançante é exposta nos depoimentos citados neste Relatório e na história de vida do Mestre Domingos Pereira, tanto por parte dos responsáveis, como pelas crianças e adolescentes que integram esse projeto. Há um caminho que está sendo seguido. Os passos estão sendo realizados através das parcerias e as ações são contínuas.

É necessário a implantação de novas etapas no projeto. Novos desafios! Um exemplo, é o despertar através de estudos dirigidos e pesquisas realizadas com mestres e mestras para que o conhecimento seja absorvido da melhor forma e assim, conhecendo mais sobre o tema, a valorização se torne possível. É preciso conhecer mais, entender mais, para respeitar, valorizar e preservar! É importante registrar cada passo dado nessa caminhada!

Os anos de 2020 a 2022 foram anos atípicos. Por causa da pandemia COVID-19, tornou-se desafiadora a continuidade das atividades exercidas pelo grupo, sendo necessário reinventar as metodologias para prosseguir com o projeto, mesmo estando isolados. Uma frequência maior nas plataformas digitais do Grupo de Suça Tia Benvinda tornou-se ferramenta fundamental para manter os integrantes unidos e fortalecidos, mesmo à distância. Através de grupo – via WhatsApp – a comunicação tornou-se diária. Bate papos sobre história e cultura de Natividade, questionários elaborados para os pais/ responsáveis e integrantes do grupo (como os dispostos nas páginas anteriores desse relato).

Outra ação muito importante foi o Concurso “Suça – Natividade em Versos”, que movimentou a cidade e região através das mídias digitais, matérias em jornais, rádios e televisão. O concurso “Suça - Natividade em Versos” foi proposto pela profa. Verônica através das redes sociais, aos integrantes do grupo. Um concurso para composição de versos da suça, pela passagem do aniversário de 286 anos de Natividade, completados em 1º de junho de 2020.

O objetivo principal foi homenagear a cidade mais antiga do Tocantins e reforçar, nesse momento de isolamento social, a continuidade do projeto, a valorização e preservação da identidade cultural da cidade. O concurso contou com um corpo de cinco jurados, pessoas ligadas à área cultural no município. A votação se deu via WhatsApp e a divulgação do resultado aconteceu através de live na plataforma Instagram no dia do aniversário de Natividade, dia 1º de junho. A premiação do primeiro lugar foi uma cesta de chocolates e vídeo com o batuque do verso divulgado nas redes sociais do grupo. Os demais participantes receberam brindes pela participação.

O concurso tomou grande proporção na comemoração do aniversário de Natividade daquele ano. Rapidamente a comunidade nativitana correspondeu de forma solidária fazendo doações de brindes para premiação de todos os participantes. A primeira edição do concurso foi restrita aos integrantes do grupo de Suça Tia Benvinda pela dificuldade de ampliação no período de isolamento social, mas é importante frisar o grande interesse de pessoas da cidade e de regiões circunvizinhas em participar dessa edição.

Com a finalização desse concurso inédito para o grupo Tia Benvinda, pode-se notar o quanto crianças e adolescentes são de fato apaixonadas por essa arte. A composição de versos da suça homenageando a cidade mais antiga do Tocantins de forma tão bela pelas mentes brilhantes desses integrantes já são cantadas pela comunidade local e também por amantes da cultura tocantinense, como por exemplo, o professor de música e produtor cultural, Diego Brito, de Taquaruçu. Confira alguns desses versos:

CONCURSO SUÇA
NATIVIDADE EM VERSOS
TIA BENVINDA

Candidato 6
SOPHIA NONATO
13 ANOS

Olha que Serra mais linda é a de Natividade (2x)
Oh minha Nossa Senhora proteja nossa cidade (2x)
A cachoeira do Moinho é um lugar muito lindo (2x)
Minha gente venha ver como é lindo o Paraíso (2x)

Instagram/Facebook: @grupodesucatiabenvinda

CONCURSO SUÇA
NATIVIDADE EM VERSOS
TIA BENVINDA

Candidato 4
EDUARDO P. ALBUQUERQUE
8 ANOS

Natividade mais linda e o povo acolhedor; (2x)
Quem pisa aqui nessa terra vive a cultura com amor! (2x)

Instagram/Facebook: @grupodesucatiabenvinda

CONCURSO SUÇA
NATIVIDADE EM VERSOS
TIA BENVINDA

Candidato 1
TIAGO MAGALHÃES
18 ANOS

Natividade é muito bela, muita bela eu sei que é (2x)
Conhecida como mãe do Tocantins bonita é (2x)

Instagram/Facebook: @grupodesucatiabenvinda

Outra parceria firmada no período da pandemia foi a participação no projeto “Cultura na Quarentena” idealizado pelo professor Diego Brito, do Projeto Veredas, Taquaruçu, Palmas – TO. Em uma nova roupagem para intercâmbio cultural, foi proposto produção áudio visual onde os versos de composição dos integrantes da suça Tia Benvinda foram tocados ao som dos tambores da suça e anexado o som de pandeiros, caixa de folia e a tradicional viola de buriti, esses três últimos tocados pelos integrantes do projeto Veredas.

Foram selecionados dois tocadores e dois dançantes do grupo Tia Benvinda para essa gravação. O resultado foi divulgado nas redes sociais dos grupos envolvidos. Toda ação foi feita virtualmente e movimentou as crianças e adolescentes dos dois grupos envolvidos.

O grupo de suça Tia Benvinda continua firme no propósito de disseminar o nome dessa arte dançante e despertar cada vez mais o interesse de crianças e adolescentes para dar sequência a essa ação de engrandecimento e fortalecimento da cultura negra no nosso país e fazer notar o quanto a contribuição africana continua sendo de grande significância para o Brasil.



Figura 11 – Encontro Formativo do Grupo Tia Benvinda

Foto: Acervo Pessoal de Simone de Natividade



Figura 12 – Aula ensaio do Grupo Tia Benvinda

Foto: Acervo Pessoal de Simone de Natividade



Figura 13 – Suça durante a festa do Divino Espírito Santo de Natividade

Foto: Acervo Pessoal de Simone de Natividade

Cidade 02 - ARRAIAS (TO)

“A sússia”, uma experiência audiovisual sobre a própria cultura
Lucrécia De Moura Dias ⁶

Sobre o edital que possibilitou a realização do filme:

Revelando os Brasis é um projeto do Instituto Marlin Azul, que recebe recursos do Governo Federal e tem apoio da TV Futura, com patrocínio da Petrobras. Os editais do instituto contemplaram quinze propostas selecionadas de cidades com menos de 20 mil habitantes para promover inclusão e formação audiovisual.

O projeto Revelando os Brasis teve seis edições, sendo o último edital, lançado em 2015, o qual participei. Os 15 selecionados foram até o Rio de Janeiro para participar de uma oficina de cinema e retornaram para a suas cidades para fazer filmes.

Foram 15 dias de aulas práticas e teóricas. Tivemos aulas de introdução, produção, direção geral, direção de arte, direitos autorais, mobilização comunitária, montagem, fotografia e som. Fomos divididos em dois grupos: ficção e documentário. Escolhi o gênero documentário para contar história do meu lugar e de minha gente.

Para mim, a relevância na construção do documentário para minha formação intelectual e

artística foi – ao analisar o processo de criação do documentário – poder expressar o meu olhar a respeito da minha cultura e refletir sobre ela em relação ao que minha comunidade temos consumido da cultura visual. Muitas das visualidades que chegam na nossa comunidade não dizem respeito as nossas tradições e impregnam nossa forma de pensar.

Nas músicas oriundas da rádio ou das fitas que ressoavam na comunidade, as músicas popularizadas pelas mídias promoviam alienação para que o indivíduo esteja conformado com realidades que promovem preconceitos de classe, enaltecendo os que vivem na cidade em detrimento dos que, como nós, vivemos no campo, o que são mecanismos que mesmo inconscientemente nos desestimulam a lutar por nossos direitos na medida que tais valores sejam frequentemente atualizados e os que se negam a aceitá-los fossem inibidos pela própria sociedade.

Nesse sentido, a importância da construção do documentário para a minha formação intelectual e artística está na abertura de repertório que tive para experimentar e aplicar conhecimentos técnicos utilizados com equipamentos profissionais para desenvolver projetos motivados por atividades em que envolviam a reflexão sobre minha comunidade.

Para a realização do projeto, fiz vários exercícios que me permitiram pensar em um imaginário para falar de minha comunidade a partir de minha visão de mundo e exercitar a

6 - Nasceu em 1988. Ensino Médio. Estudante de Educação do Campo - Artes Visuais e Música na Universidade Federal do Tocantins – campus Arraias.

capacidade de produzir imagens poéticas para que outras pessoas reconheçam a dança russa enquanto cultura e quem sabe desfazer estereótipos negativos construídos pelos sistemas de atualização de poder transmitidos pela indústria cultural.

A construção da narrativa cinematográfica na montagem fez perceber mecanismos que grandes produtores de cinema se utilizam para formar opiniões e formas de controlar – através do entretenimento – subjetividades da cultura de massa que muitas vezes tentam analisar aspectos da cultura popular vivenciada através da dança, e isso pode justificar preconceitos.

Nesse sentido, a produção apresentou formas em que a cultura popular resiste, se reinventa e transmite saberes através da dança, música e poesia dos versos da dança russa.

Desdobramentos do projeto e sua colaboração para a Comunidade Lagoa da Pedra

O lançamento do filme foi dia 22 de novembro de 2018, na comunidade. O projeto fez um circuito no caminhão de cinema adaptado para se transformar em uma cabine de projeção (ver anexo). A tela tem 6 metros de altura, projetores com sistema de sonorização e 200 cadeiras para acomodar os espectadores.

Para completar o processo de difusão de todos os filmes, foram reunidos em um box

de DVD, contendo making-off do projeto, e esse box é distribuído em escolas públicas, universidades, pontos de cultura e instituições públicas como cineclubes ligados à educação e à cultura de todos os brasis.

Os filmes são ainda exibidos em mostras e festivais nacionais e internacionais ⁷ . Desde a criação do projeto, foram realizadas 195 obras audiovisuais irigidas por moradores de pequenas cidades.

A SÚSSIA

Direção, roteiro e produção: Lucrecia Dias.

Diretor de fotografia: Rafael Mazza.

Técnico de som: Greco Nogueira.

Consultor de roteiro e assistente de direção: André da Costa Pinto.

Produtora de set: Patricia Cortes.

Editora: Márcia Medeiros, edt.

Assistente de edição: Felipe Romero.

Imagens adicionais: Lucrecia Dias.

Fotógrafo still: Gustavo Louzada.

Colorista: Glauco Guigon (Yellow Bunker).

Editor de áudio e mixagem: Bernardo Gebara.

Arte do título: Analúcia Godoi.

Assistente: Gustavo Miaciro. Arraias – TO, 2018.

Documentário (17 m 05 s)⁸ .

Sinopse: Ao som de caixas, pandeiros e bumbos, mulheres e homens de todas as idades cantam, tocam, batem palmas, dançam, recriam as tradições e recontam sua própria história na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra. “O grupo é formado na comunidade quilombola Lagoa da Pedra por mulheres, crianças e homens. Um homem toca a caixa e o outro, bumba, as mulheres usam saias longas rodadas e floridas, um lenço amarrado na cabeça e dançam descalças. As pessoas do grupo sambam e cantam, os cantos que são cantados só na roda de samba”.

Conheça Arraias: Fundação: 1º de agosto de 1914 – Localização: Região Sudeste do Estado do Tocantins, a cerca de 340 km de Palmas/10.645 habitantes/5.786 km²/ Gentílico: arraiano.

História: A ocupação da região onde hoje é Arraias se deu com a descoberta de riquíssimo garimpo de ouro na Chapada dos Negros, distante três quilômetros da atual sede municipal. Em 1736, deram-se as primeiras entradas de grandes contingentes de pessoas escravizadas vindas da Bahia.

Origem do nome: O nome Arraias é atribuído a uma espécie de peixes com ferrões peçonhentos encontrados no ribeirão de mesmo nome, que nasce próximo à cidade.

7 - Dados da circulação do filme até 2021, quando redigi o artigo para esta publicação: Participação em Mostras e Festivais: 2019 - 4º EGBÉ - Mostra de Cinema Negro de Sergipe; 2019 - 3ª Mostra LUGAR DE MULHER É NO CINEMA; 2019 - 5ª edição Cine Jardim – Festival de Cinema de Belo Jardim; 2019 - 3ª Mostra de Cinema de Fama/MG; 2019 - 58º Festival Folclórico de Etnias do Paraná; 2019 - 3ª Mostra do Filme Marginal; 2019 - 14ª edição do Festival Taguatinga de Cinema; 2019 - MOV - IV Festival Internacional de Cinema Universitário de ernambuco; 2019 - 12º Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul; 2019 - II Festival do Filme Etnográfico do Pará; 2019 - III Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio; 2019 - Mostra das MINAS; 2019 - III Mostra Ousmane Sembene de Cinema; 2019 - Festival MIMO de Cinema 2019; 2019 - 3º Cine Pojichá - 3º Festival de Cinema dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha; 2019 - 12ª edição do Festival Maranhão na Tela; 2019 - II Mostra

Economia: Agropecuária e extrativismo mineral.

Turismo: O município tem um potencial turístico ainda pouco explorado. Apresenta atrações como a Gruta da Fazenda Furnas, as ruínas da Chapada dos Negros, eventos religiosos, remanescentes de quilombos, além dos jarros brancos do artesanato típico de Arraiais.

Curiosidade: Na arquitetura da cidade predomina o estilo colonial português. Nas casas mais antigas, é possível encontrar as iniciais dos patriarcas das famílias que as construíram e o ano em que foram erguidas.

Percebe-se com isso que o tema tem demanda de público, mas para continuar produzindo

Vales do Mucuri e Jequitinhonha; 2019 - 12ª edição do Festival Maranhão na Tela; 2019 - II Mostra Negritude Infinita; 2019 - Festival Recanto do Cinema; 2019 - VIII Cinecipó - Festival do Filme Insurgente; 2019 - Exibição na Mostra do Mês da Consciência Negra da Prefeitura de São Paulo; 2020 - 23ª Mostra de Cinema de Tiradentes; 2020 - III Festival de Cinema de Rua de Remígio; 2020 - Cine.Ema 2020; 2020 - Festival Entretodos; 2020 - 5º Cine Tamoio – Prêmio: Menção Honrosa do Conjunto da Obra; 2020 - II Festival de cinema negro Zélia Amador de Deus; 2020 - Griot – III Festival de Cinema Negro Contemporâneo – Prêmio: Menção Honrosa; 2020 - 5ª Elas Fazem Cinema – Mostra de Filmes Dirigidos por Mulheres; 2020 - 2ª Mostra de Cinema Educativo e Infantil – Cine Educa – Prêmio: Voto do Júri Popular; 2021 - Mostra Sesc de Cinema TO; 2021 - 2ª Edição Mostra Nacional da Macambira – Mostra de Cinema de Realizadoras; 2021 - VIII Edição do Festival Internacional de Cinema Cristão (FICC); 2021 - Semana de Audiovisual Negro PE – Prêmio: Maria Firmina dos Reis – Cinema de Mulheres; 2021 - 10º Fifer – Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife; 2021 - Mostra Taturana de Cinema; 2021 - 6ª Mostra de Cinema Feminista; 2021 - VII FICCA – Festival Internacional de Cinema de Caeté; 2021 - II Festival Cinema Negro em Ação; 2021 - II Oracine – Mostra Orobó de Cinema; 2021 - Festival Ciranda de Filmes; 2021 - Mostra Especial Cosmopoéticas do (In) Visível do Festival Internacional de Curtas de BH.

8 - Documentário disponível na plataforma YouTube via link, em português: <https://youtu.be/Tt1YI-FJmxg>. E em Inglês: <https://youtu.be/tEPajYhUzqE>.

encontro algumas dificuldades técnicas, relacionadas ao custo e acesso a equipamentos, domínio de técnicas... Precisaria de mais vivências para me apropriar de técnicas que o público do cinema está acostumado. Entendo que por mais que minha história seja rica, preciso dominar formas de expressá-la de maneira a entrar no circuito audiovisual, que é um espaço burguês.

As imagens geradas além de resguardar o patrimônio da Comunidade Quilombola de Lagoa da Pedra – TO – ao serem reproduzida por todo o Brasil – pode nos dizer dos diversos Brasis num só país.

A globalização nos traz padrões culturais que atingem a sociedade e a comunicação de massa na medida que isso chega na comunidade e na vida cotidiana das pessoas. O documentário feito por mim é um canal de alternativa para difundir a cultura entre jovens e adultos. O filme “a sucia” é uma forma de jovens e crianças reconhecerem a sua identidade e valorizar nossa cultura deixada por nossos antepassados. Só desta maneira podemos construir a valorização da nossa cultura e um novo olhar sobre a identidade quilombola.

A Sucia é uma manifestação que reúne toda comunidade, jovens, crianças e idosos e fica evidente que a sucia é uma forma mediadora de união de toda a comunidade, possibilitando a construção do coletivo.



Figura 15 – Lucrécia entrevista com Maria Ribeiro Dias, matriarca da comunidade

Fonte: Acervo pessoal de Lucrécia Dias

Fonte: Acervo pessoal de Lucrécia Dias



**Figura 17 - Registro da dança
para a filmagem do filme A Sussia**
Fonte: Acervo pessoal de Lucrecia Dias



MESTRE DOMINGO JOSÉ DE MOURA
08/08/1927.



Mestre Domingo José de Moura, 93 anos.

Nasceu na Comunidade Lagoa da Pedra, na cidade de Arraias/TO. Casou-se com Augusta F. Machado e tiveram quatro filhos. Trabalhou na roça e também como vaqueiro nas fazendas nos arredores da comunidade para criar os filhos.

Mesmo com toda dificuldade e intensidade do trabalho rural, sempre participou dos festejos na comunidade e região.

É mestre folião e mestre da sussia. Puxador de versos da sussia, toca e confeccionava rabeça que corre o risco de extinção.

Hoje está aposentado e não ensina o seu ofício para os mais jovens devido uma catarata que o fez perder a visão.

Lucrécia Dias, neta de Domingo

Cidade 03 – MONTE ALEGRE DE GOIÁS

Quilombo Kalunga

*Quilombo Kalunga símbolo de resistência
Aqui foram reconstruídas novas vidas
Que hoje é nossa existência.
Lutamos pela vida e pela conjuntura
Do nosso Território
Aqui há vidas, há um povo de saber único.
Que quer viver e reviver!
Com dignidade ter nossos direitos
Que nos foram roubados
A nossa vida foi de escravidão,
Muitos castigos e maltratação,
Fomos capturados, acorrentados,
Nossos corpos mutilados sem poder dizer não
No poder dos senhores concentravam o nosso chão,
Chão de produzir, chão de florir,
Aqui construímos nossas vidas
Em um Quilombo a resistir
Kalunga amado, lugar sagrado,
Único e gostoso de viver
Nunca deixará de existir
O amor eterno e fiel nasce aqui!
Meu Kalunga, meu lugar natal,
Vou te amar até o meu final,*

*De Norte a Sul. de Leste a Oeste.
Meu QUILOMBO KALUNGA
Está no Centro-Oeste,
De um mundo capitalista
De uma nação formada sem pensar
Hoje é Brasil
E o Quilombo Kalunga faz parte deste lugar
Viva a África! Viva o Brasil!
Viva o Quilombo Kalunga
Com sua cor anil!*

Autora: Bia Kalunga – ou Lourdes Fernandes de Souza
Professora Liderança Quilombola.



Figura 19 – Estrada para a Comunidade Riachão

Fonte: Acervo Pessoal de Bia Kalunga



Figura 20 – Casa Kalunga, 2020

Fonte: Acervo Pessoal de Lucinete Morais

Planta Kalunga

Lourdes Fernandes-Bia Kalunga

*A planta Kalunga tem sua servidão,
Curou muita gente contra doenças,
Que atacavam com suas agressões,
Pois antigamente no Kalunga,
Não existia vacinação.
Os remédios caseiros, as plantas medicinais,
Curavam as pessoas sem irem aos hospitais.
Crianças, jovens e adultos com suas crenças e fé,
Tomavam os remédios caseiros e logo tava de pé.
Kalunga planta sagrada bem enraizada no chão,
Difícil de arrancar, assim está o povo Kalunga,
Com seus saberes e plantações,
Quanto saber vem do viver, tudo vem de geração!*



Figura 21 – Planta Kalunga

Fonte: Acervo Pessoal de Bia Kalunga

Minha com vivência com a Sussa...

Lourdes Fernandes de Souza

O que é a Sussa Kalunga?

A Sussa Kalunga é uma dança cultural junto com a música na qual traz um momento de muitas alegrias, emoções, animação e diversão entre os participantes. É um momento de interação entre os participantes que está interligado com outras danças como: o Bolé, a Alvorada e a Capoeira que também são praticadas no Quilombo.

Minha vivência com a sussa vem de minhas origens e das tradições culturais do povo Kalunga. Minha Vó Procópia e minha mãe Quita são rezadeiras e cantadeiras e eu sempre junto delas. Participo dos eventos culturais realizados nas comunidades, juntamente com os MESTRES e MESTRAS dos SABERES, gosto muito e valorizo e também sou aprendiz. Sei um pouco das músicas de Sussa e rezas.

A Sussa é uma dança muito importante para a comunidade, nos transmite força e sabedoria na qual se apresentam as manifestações culturais (reza, dança, música) em agradecimentos à vida e às colheitas das plantações. É importante ressaltar que a Sussa veio sendo repassada de geração para geração e está sempre presente nos eventos culturais: festejos do levantamento de MASTRO, rezas, pousos de folias e outros.

As rezas são momentos de louvar o santo exposto no altar em algum arremate da folia do Divino Espírito Santo, ou a folia de reis, de São Sebastião, dentre outras.

Quando os mais velhos se posicionam em frente ao altar, espécie de casinha onde fica o santo festejado, reúnem os donos da casa e também outros moradores presentes que fazem a louvação, ou seja, realizam a reza para a continuidade da festa.

Após a reza, chega o momento de dançar a sussa em agradecimento ao Santo festejado, com a participação de homens e mulheres.

A dança da sussa transcorre mediante as músicas. Tal dança é praticada ao som de diversas músicas. A Alvorada é um tipo de música da sussa com versos mais longos em homenagens aos participantes ao citar seus nomes. Para melhor entendimento apresento a letra de duas músicas cantadas no balançar da sussa:

Boi Baiano

Da Baia mandei vim

Fala meu boi baiano

Num demora chega

Foi meu boi baiano

uma barquinha de ouro

Fala meu boi baiano

Pro meu amor passear

Fala meu boi baiano

Sucupira Fulô

Fala meu boi baiano

Cravo de boa esperança

Fala meu boi baiano

O homem que eu tanto amava

Fala meu boi baiano

Mandou muita lembrança

Fala meu boi baiana

...

Cadê a saia muié que seu marido lhe deu?

Deu saia e não deu camisa pegou a saia e vendeu.

Cadê a saia muié que seu marido lhe deu?

Deu saia e não deu camisa pegou a saia e vendeu.

Levanta a saia muié,

Não deixa a saia molhar,

a saia custa dinheiro e dinheiro custa ganhar

Capim da lagoa já cresceu,

Amarelô, veado comeu.

Capim da lagoa já cresceu,

amarelô, veado comeu!

Como dançar a Sussa Kalunga Riachão?

A Sussa é dançada em dupla, pode mulheres com homem ou mulher com outra mulher. As mulheres usam saias rodadas que balança aos movimentos, já o homem usa roupa normal sendo um suporte para a parceira com seus sapateados. Pode dançar calçado ou descalço, o que importam são os ritmos das músicas e os movimentos dançantes circulares.

É importante ressaltar que a sussa também um momento de celebração nos festejos do Quilombo. De janeiro a dezembro, há datas em homenagens as divindades em cada mês, têm folias e rezas em que reúnem os moradores para a realização dos eventos. A primeira folia do ano é Santos Reis do dia 01 a 06 de janeiro... daí segue com os demais, com muita sussa no pé.

A sussa lidera a expressão e os movimentos corporais e ainda proporciona energia e saúde ao nosso corpo. Retrata o cotidiano do Quilombo: plantar, colher, rezar, cantar e dançar a sussa. É na oralidade que vem sendo transmitida de geração em geração.

Quais instrumentos utilizados na sussa?

Os instrumentos utilizados na sussa são buraca feito de couro de gado, caixa de cambito de madeira, pandeiros, viola ou violão e também as palmas. As pessoas ficam em roda, o violeiro inicia para que os dançadores não percam o ritmo e os movimentos. Os tocadores cantam as músicas jogando versos em louvação e agradecimento aos santos e às pessoas. As músicas

são criadas pelos tocadores, em versos e rimas. Todos da comunidade participam: crianças, adolescentes, mulheres, homens. O momento é coletivo e muito animado.

Impacto da pandemia do COVID-19 na sussa?

A pandemia do Covid-19 impactou fortemente as atividades culturais no Quilombo, pois os festejos foram suspensos devido a pandemia, coisa que não havia acontecido antes. As atividades culturais são muito importantes para o povo Kalunga. São momentos ricos de crenças, agradecimentos pela vida, as plantações e colheitas. Estamos muito sentidos de não poder realizar os eventos culturais como anos passados.

A sussa está interligada ao letramento na/da Cultura Kalunga. Em geral toda comunidade conhece a sussa e busca mantê-la. A valorização da sussa é feita nos eventos locais, escolas, festejos.

Mas há alguns adolescentes e jovens que não se interessam pela sussa. Eles sentem vergonha, o que é provocado pela indústria cultural e meios de tecnologia, como a internet. Desvalorizar a cultura local em detrimento do que vem de fora.

Ainda assim Iaiá Procópio e demais mestres estão preocupados com o repasse dos saberes e fazeres tradicionais da comunidade e a continuidade do legado Kalunga.



PROCÓPIA DOS SANTOS. MESTRA E LIDERANÇA KALUNGA - 10/02/1933

Nascida e residente no Quilombo Kalunga-Riachão, município de Monte Alegre de Goiás, filha de mãe solteira, após a morte de sua mãe foi morar com a tia e logo teve sua primeira filha Domingas dos Santos Fernandes. Após esse período foi morar com Salustriano Ferreira da Virgem com quem viveu 57 anos, pai do seu segundo filho Leo Fernandes dos Santos.

Uma das primeiras mulheres negras a lutar em prol do desenvolvimento da comunidade, visando à equidade social para o nosso povo e o fortalecimento da coletividade. Sempre ia ao encontro de autoridades públicas na tentativa de ampliar os direitos humanos.

Rezadeira tem conhecimento em partos, remédios caseiros e outras práticas da cultura Kalunga. É uma anciã muito sábia que procura sempre participar de encontros, reuniões, audiências e outros eventos com suas contribuições em defesa do povo Kalunga.

Atualmente, laiá Procópia, como conhecida na comunidade Riachão se dedica ao repasse das tradições como as rezas, músicas de sussa, história do Quilombo e emite conselhos aos mais novos, principalmente àquelas que dão continuidade ao legado de sua liderança.

No final de 2022 recebeu o título honoris causa da Universidade Estadual de Goiás pela sua dedicação a luta pelo reconhecimento do sítio histórico Kalunga desde 1980.

Bia Kalunga, neta laiá Procópia

Cidade 04 – CAVALCANTE (GO)

A SUSSA NO VÃO DE ALMAS

Lorrayne dos Santos⁹

É preciso falarmos detalhadamente sobre a sussa, pois além dos gestos feitos durante a dança que faz parte dos nossos manifestos culturais, ela está em todo nosso modo de expressão popular.

A sussa é a chave certa para nos desencadear pois se temos uma festa, uma folia, uma reza, o levantamento do mastro, a falta de chuva ou mesmo momentos de comunhão fazemos a sussa acontecer, ou seja, nas horas alegres e tristes, a sussa há de prevalecer.

Cantamos e dançamos a sussa para agradecer a Deus pela vida, por realizar tal evento ou alguns atos tradicionais. Se falta a chuva cantamos para pedir que Deus a mande, enfim a sussa está muito presente em tudo que fazemos. Portanto não deixo de frisar aqui a dificuldade de manter a sussa de pé, por existir vários obstáculos, a falta de infraestrutura na comunidade, e, também de investimentos, ou seja, falta de empregos, estudos, projetos e etc.

Os jovens saem da comunidade causando o êxodo rural e não importando com a permanência/continuidade da nossa cultura, ficando a responsabilidade para os mais velhos. Mas o que acontece é que os mais velhos estão morrendo e a nossa cultura morrendo com eles.

Dias de pandemia

Lamentável, os dias de hoje. A comunidade vive com suas crenças, conhecimentos empíricos e religiosos há mais de 300 anos e se encontra triste nesses dias difíceis de covid-19, pois, se tudo estava fragmentado, pior mais ainda ficou durante esses dias pois nossa comunhão, nossos costumes de cantar, dançar e expressar juntos não pode acontecer no momento.

Acaba de se tornar o total silêncio nas comunidades. Cada um em sua casa sem saber o que se passa, ou seja, é como um passarinho preso na gaiola sem poder se libertar.

Hoje o silêncio tomou conta de tudo, de nossa alegria, nossas manifestações culturais, encontros e reuniões em todos estão em prol de um mesmo objetivo da comunidade. Durante a pandemia as pessoas fazem seus pedidos e agradecimentos nas suas próprias casas.

Por esse motivo as folias deixaram de girar de casa em casa. Os foliões saúdam as famílias pedindo a Deus paz e saúde, além de agradecer pela vida dos presentes. Eles pedem pouso, rezam o bendito de mesa pedindo a Deus que faça prosperar as lavouras e as criações, além

de mais anos de vida para os donos da casa, e em troca todos cantam e dançam a sussa.

A folia do Divino Espírito Santo ocorreria no dia 13 de maio. Os festejos de São João Batista entre os dias 22 e 24 de junho, no qual as pessoas da comunidade ao levantar do mastro, acender a fogueira do santo, cantam e dançam sussa em favor do santo com muito comes e bebes. Nos dias 18 e 21 de julho tem os festejos de São Sebastião, e, no dia 05 de agosto a festa de Nossa Senhora das Neves.

A festa de Nossa Senhora da Abadia é a nossa mais tradicional festa, com dias prolongados, e, recebe o maior número de pessoas, principalmente aqueles que já não moram mais na comunidade e voltam nesse período para o maior festejo da comunidade onde há reinado, império de Nossa Senhora e do Espírito Santo, batizados, casamentos na fogueira e no padre, danças de sanfonas, sussa, comes e bebes, além da entrega da coroa para o próximo rei do ano seguinte. Essa festa acontece entre os dias 11 e 17 de agosto.

Infelizmente os eventos acima foram cancelados pela justiça da cidade. Durante 300 anos ou mais vivemos nessa comunidade. As pessoas nunca tinham passado por um período como esse, sentindo-se encurraladas e depressivas.



Figura 24 – Capela Nossa Senhora D'Abadia
Fonte: Acervo Pessoal de Lorryne dos Santos



Figura 25: Lugar do Festejo de Nossa Senhora D'Abadia
Fonte: Acervo Pessoal de Lorryne dos Santos



Figura 26 – Tia Dainda

Fonte: Acervo Pessoal de Lorraine dos Santos



MESTRA NATALINA DOS SANTOS ROSA, CONHECIDA COMO DONA DAINDA - 25 /12/1947

Nascida em Vão do Moleque e residente do Vão de Almas, no município de Cavalcante. Mestre dos saberes e fazeres kalungas, cantar, sussar, dançar, tecer tapete, fiar, cozinhar, rezar...

Natalina dos Santos Rosa, conhecida como dona Dainda. Nascida em Vão do Moleque e residente do Vão de Almas, no município de Cavalcante-GO.

Dainda gosta muito de cantar, dançar e contar histórias dos tempos mais antigos. Cantar sussa, dançar, tecer tapete, fiar, cozinhar, rezar e aconselhar são alguns dos saberes e ofícios da Dona Dainda.

Como mestra dos saberes e fazeres, Dainda incentiva os jovens e mostra a importância de aprender e se dedicar à prática da sussa e outras manifestações populares e tradicionais, pois, quando os mais velhos partirem, terá os jovens para a continuidade do modo de vida do povo Kalunga, para que não caia em esquecimento.

Lorrayne dos Santos Rosa, neta de Dainda

Cidade 05 – IACIARA (GO)

Minha Sacola de Campo

Querida sacola,

Não é fácil viajar nesta escrita aflita

Escrever sobre o íntimo,

Achar as palavras fujonas

Aquelas não escritas

Querida escrita

Quero caminhar pelo jardim do bem e mal me quer

Encontrar o orvalho nas minhas entranhas machucadas

Até desaguar

Mundo pesado

Mundo raivoso, pequeno e de berros racistas.

Até quando?

Querida preta!

Desperta

Limpa os sonhos embaçados

Levanta o pé

Cheio de dor

Caminha no carreiro de caminhar

Na grota universitária

No buraco educacional

Arrebenta

Enxurrada de amor

Mundo selvagem

Pra caminhar...

Maria Madalena do Sacramento Rocha

Dança de Mastro

Estrada de chão

Ao lado o campinho de futebol

Adiante, crianças, cheiro, merenda, escola, galinhas e boa-noite rosas e brancas

Sigo o carreiro das Macaúbas soberanas

Entre grotas onduladas, cercas de aroeiras abraçadas, o pequeno colcheto cansado,

Vejo a velha casa de adobe da minha madrinha Catarina, Catú

Na frente, um banquinho de madeira e um sepo

Entro até a cozinha, e esquento no fogão à lenha, no telhado, um varal recheado

de linguiça, toucinho, bucho seco e sete frangas tratadas na bacia

Bença!

Deus te abençoe!

Conversas, gargalhadas, carne no tacho, e giranda pelada no terreiro

Dia de enfeitar o mastro!

Ramo de pimenta/arruda na mão, fé derruba o quebrante no chão, tira

o mau olhado e o pedaço de pano amarrado na boca do estômago

levanta a espinhela, a garrafinha borbulha ao tirar o sol da cabeça

Muita gente chegando, Levantado, Água Quente, Brejo do Belo, Santa

Tereza... Iaciara-GO

Noite de festa de Santa Terezinha!

Tambor, triângulo, pandeiro, gaita encontram as vozes

de mulheres, homens e o choro da criança

Uma multidão acompanha o mastro, no mesmo ritmo, harmonia

*O coração pipoca entre reza, cochicho de jovens, mulheres, homens e crianças
que se misturam na caminhada em cortejo com Santa Terezinha até a igreja
Vela de cera de abelha exala um aroma que invade a multidão
A saia de roda colorida sussurra nos ouvidos das crianças e trisca no chão
Empoeirados pés, se escondem na noite
Foliões cantam e dançam
Na bandeira, no voto, no céu Santa Terezinha
Os fogos explodem de alegria
Viva Santa Terezinha, vivaaaaaaaaa
Foliões tocam em movimentos circulares ao redor da Santa
Entregamos o mastro, ritual feito
Chegada
Farofa de frango caipira, carne de porco e Ki-suco
Mulheres avisam "Vou cair no sussa!"
Corpos dançantes
Saias rodadas rodopiam ao som da zabumba, do tambor,
do triângulo, da gaita e do pandeiro
Corpos suados
Casados
Amantes
Corpos dançantes, Catarina e Chica
Sussa benzedeira
Sussa Professora
Sussa merendeira
Sussa Rezadeira*

Sussa Parteira

As mulheres do Sussa

Na madrugada, os perfumes se misturam ao cheiro do quentão, da pinga e do limão

Gargalhadas, batucada e o odor leve das candeias de querosene

Cheiro gostoso!

As risadas em meio ao escuro identificam quanto aproximam as pessoas.

A janelinha da casa de adobe, um local de disputa pelas crianças.

Hoje, a mocinha pergunta:

*É difícil dançar sussa? Um pouco. Mas necessário. Mulheres como nós são
lidas como, exótica, selvagem, intrusa, perigo, imprópria, fora do lugar,
ameaça, desvio do desvio, negra atrevida, cabelo ruim, agressiva, insolente
nojenta, barraqueira, favelada, suja, metida, cheia de marra...*

A mocinha dança...

Rápida com a irmã, lenta com a mãe, arrastada com a vó, engatinhada com a bisa.

Mas, nada é maior que continuar a dança

Dança menina, dança.

Maria Madalena do Sacramento Rocha



Figura 28 – Placa de Identificação dos Territórios Quilombolas em Iaciara

Fonte: Acervo Pessoal de Madalena Rocha

Da extrema ao levantado: duas comunidades quilombolas irmãs

Lucinete Aparecida de Moraes

Dois dias para chegar em Extrema. De casa até o campo. Saí da cidade de Goiás rumo à chapada dos veadeiros pela manhã do dia 17 de junho de 2021. A trajetória de todos nós é feita de escolhas, e, fui por Goiás a dentro, mesmo sabendo que as estradas não eram tão boas.

Final do dia, cansada do volante, o pouso foi no povoado de São Jorge, já na Chapada dos Veadeiros. No outro dia, logo pela manhã continuo a viagem. Em São João D'Aliança paro para abastecer, procuro a rota mais rápida apontada pelo aplicativo do celular que orientou numa travessia do Morro Chapéu até a chegada em Flores de Goiás. Estrada muito acidentada, e lá de cima do morro contemplamos a imensidão do cerrado.

Ao descer o morro, um homem na beira da estrada que fazia cerca sinalizou que havia perigo pela frente.

- Oi moço, tá longe ainda para chegar em Flores? Achei o caminho bem difícil. Ainda tem mais subida?

- Subida não, só descida, vai de primeira, bem devagar, minha fia.

E nessa travessia ao som dos pássaros e com a paleta do cerrado: terra do chão goiano, várias nuances de verdes das plantas nativas e o azul mais quente que marca o inverno por aqui.

De Flores de Goiás até Iaciara pareceu um pulo. Chegamos na Comunidade Quilombola Extrema por volta das 15h30 do dia 18 de junho. Fui recebida pela família anfitriã de Madalena e Ronaldo que nos hospedaram na casa de apoio cedida para assuntos da Associação Quilombola Extrema. (Aqui faço esse parêntese, para explicar que não viajei sozinha. Comigo estavam minhas duas filhas adolescentes. Acho que só as mães conseguem imaginar como é trabalhar e cuidar das crias. Paro por aqui, para não perder o eixo central do texto)

Quero trazer algumas considerações sobre o campo antropológico nas Comunidades Quilombolas de Extrema e Levantado, que aqui denomino de comunidades irmãs, e mais na frente aprofundo nesse aspecto.

Mas, antes, preciso contextualizar-nos sobre nosso tempo. Vivemos uma pandemia. Covid-19, é o mal do nosso tempo. Precisamos nos isolar, o trabalho foi pra dentro de nossas casas, assim como as escolas de nossos filhos. Adotamos o distanciamento social, uso de medidas protetivas como máscara e álcool em gel 70%. Já são quase dois anos. Tudo parou. Começamos a falar mais sobre a crise. O que é crise? Comece um diálogo com seu núcleo familiar.

Retomada é a categoria de estratégia atual do Governo. Os recursos têm que chegar ao povo (categoria de uso sempre equivocada), e, de certa forma, todos precisaram se reinventar. A Lei Aldir Blanc é uma dessas retomadas do que já se existia com o extinto Ministério da Cultura. Então, verbas federais chegam para os estados e municípios afim de otimizar os danos causados pela crise da pandemia da covid-19.

Gilson Evangelista Rocha e Maria Madalena do Sacramento Rocha, quilombolas da Comunidade Extrema são premiados pela Lei Aldir Blanc, operacionalizada pela Secretaria Estadual da Cultura de Goiás.

O artista visual Gilson Evangelista realizou uma oficina de pintura para comunidade em parceria com o Pontinho de Cultura Quilombola Extrema e também fez a doação de obras, cavaletes e demais materiais de pintura, como pinceis, tintas e telas para a continuidade de outras atividades com a comunidade através do pontinho.

Madá, como conhecida, professora no I Ciclo do Ensino Fundamental I, turma multisseriada na Escola Municipal João Damasceno Rocha, liderança comunitária na Associação Quilombola Extrema, gestora do Pontinho de Cultura, graduada em Artes Visuais e mestra em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás propôs um vídeo homenagem à Dona Catarina, sua madrinha e sogra, falecida ano passado com 84 anos, matriarca da comunidade que foi referência para todos: benzedeira, parteira, professora.

Meu papel em campo era de colaboração com Madá para a realização do vídeo sobre a manifestação popular “sussa”, dança que Catarina e Francisca repassaram para a comunidade e que dançavam junto à Comunidade Quilombola Levantado, considerada por ela e pelos mais velhos de Levantado como comunidades irmãs.

A partir daqui falarei das comunidades irmãs. E, como todas “boas” irmãs tem os momentos de união e distanciamento. Nove homens por laços de afinidades e parentesco saem da Bahia em busca de melhores condições para suas famílias. Param em Extrema, família Silva e Rocha. Tempos depois, pai de Anastácio, da família Silva e mais dois irmãos seguem com suas famílias para uma terra mais a frente – o Levantado, como nomeou o patriarca do lugar, Anastácio Bispo da Silva, 85 anos que nasceu em Extrema.

A comunidade Povoado de Levantado teve seu autorreconhecimento como comunidade de remanescentes de quilombos emitido na Fundação Cultural Palmares (FCP), nos termos do Decreto nº 4.887/2003 e da Portaria Interna da FCP nº 06/2004. Em 2013, as famílias quilombolas reivindicaram a regularização de seu território junto ao Incra, processo iniciado em 2015.

Extrema, hoje, é um quilombo com infraestrutura básica, que em 2014 teve seu autorreconhecimento, o que ajudou na busca da efetivação dos seus direitos. Na comunidade tem uma praça e uma quadra inacabada, uma escola que oferta Educação no Campo, ao invés de Educação do Campo. A escola é Quilombola porque está localizada no território, mas não

houve a implantação da Metodologia Escolar Quilombola até o momento.

Há também uma biblioteca, sala médica, a capela e a nova igreja ainda em construção. Energia elétrica e “aparentemente” água. A comunidade ainda não tem saneamento básico, e o abastecimento de água é realizada através de um poço artesiano de 70 metros de profundidade. A caixa central não atende toda comunidade, atualmente 145 pessoas, entre quilombolas e os pertencentes (categoria utilizada na comunidade para se referir aos que moram nos arredores). Então, a falta de água é um problema estrutural urgente a ser resolvido pois a água é um direito universal.

Algumas casas em que os moradores são irmãos não foram cercadas nem muradas o que apresenta uma vontade do modo de vida coletivo familiar. Mais de vinte jovens da comunidade estão inseridos na universidade pelo programa UFG-Inclui. E, esse tipo de contato faz com que as comunidades criem novas formas de desenvolvimento comunitário. Até aqui não é possível abordar se tais jovens voltam para somar com a comunidade ou preferem viver nas capitais em busca de aperfeiçoamento.

O olhar está para o presente. É uma etnografia dos sentidos. A cada conversa para a homenagem à Catarina encontrava mais da comunidade, os arranjos sociais e produtivos de sentido e sobrevivência me fazia compreender o campo de pesquisa, o território e principalmente o modo de vida das comunidades.

Dia 19, sábado, o dia marcado da apresentação do Mulher do Sussa, debaixo do pé de tamarindo, ali onde Catarina via passar o tempo da comunidade. A sussa e a realização do vídeo foram dispositivos para rever as comunidades depois de sete anos da minha primeira vivência nesse território. As duas comunidades se encontram para dançar em homenagem à Catarina, sua história, sua trajetória, seu legado. Após a dança uma feijoada foi servida para todos presentes. Os foliões tocadores e as mulheres do sussa receberam cachês pela participação na dança para o vídeo homenagem.

Quero abrir um parêntese aqui: é muito importante o exercício do protagonismo das comunidades nos projetos de incentivo à cultura, não que o papel do produtor deixe de existir, mas vejo necessário a formação de agentes culturais nas comunidades, pois eles conhecem e sabem a melhor forma para que os recursos sejam distribuídos na comunidade.

Os próximos dias na comunidade seguem na preparação das rezas de São João, São Pedro e a reza de Catarina ao Divino Pai Eterno. Colhem a mandioca para o fazer da farinha que será usada na reza. No dia 23 à noite todas as casas acendem fogueira para São João em suas portas.

No Levantado, que tem São João Batista como padroeiro, e rezam a novena ao santo – além das fogueiras nas portas das casas – também havia uma em frente à capela. Depois do terço, organizam os instrumentos, distribuem as velas e fazem uma procissão simbólica da casa do patriarca até à igreja. Nos anos “normais”, a procissão acontece por todo o povoado

passando por todas as casas até a frente da igreja, lugar em que se levanta o mastro. Depois do mastro, vem a cantoria, a sussa e a comida bendita.

Dia 29 a comunidade de Extrema se junta para organizar a recepção da primeira dama do estado. Lava a igreja que precisa de restauração, mas é o coração da comunidade que revive as festividades religiosas e que estão suspensas. Dia de São Pedro!

No dia seguinte, dia 30, logo cedo, percebe-se a movimentação das pessoas para receber as autoridades e também as cestas básicas da OVG. Vem o doutor Pedro Leonardo, presidente da Emater, representando a primeira dama e com a possibilidade de articulação para a ampliação do território para a plantação de mandioca e impulsionar o mercado da produção rural e, sim, levar a possível produção para a AMBEV. Esmera. A palavra quer dizer carinho. E, olha, que carinho tem de sobra nas comunidades irmãs. Parafraseando Abdias do Nascimento, “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”. Mas, esmera também é a cerveja de mandioca. Outra coisa que vou deixar em aberto aqui para pensarmos. Afetos e indústrias. Que modo de vida eu quero para os meus?

O presidente da Emater, sua assessoria de comunicação e os vereadores fizeram o protocolo político em Extrema e não chegaram até o Levantado. Enviou os técnicos da região nordeste, para concluir o trabalho de distribuição das cestas na comunidade.

Segui para o Levantado. Lá, um dos técnicos explica para a comunidade que já esperava

na porta da capela de São João Batista, o padroeiro do lugar, o porquê do presidente não ter comparecido.

E, quando passa a palavra para o patriarca Anastácio, 85 anos, agradecer as cestas básicas que chegava na comunidade, ele não discursa. Elegante, com sua camisa de chita chama seu povo. Os homens tocam caixa, tambor, pandeiros, viola puxados pelo som da flauta de Anastácio. As mulheres com saias de retalhos coloridos dançam a sussa, em movimentos circulares, “quando a saia roda, mais alegria brota”.

Os antigos dançavam a sussa para plantar e na colheita depois do canto do Bendito. E assim, com todo respeito aos que vieram antes de Anastácio, e esmero com os que vieram depois, nos ensinou mais sobre a celebração da chegada dos alimentos na comunidade. Mais uma vez, o ensinamento é feito de geração em geração, sem necessariamente passar pelo ensino formal. A comunidade é a própria escola em que se aprende no silêncio, na música, na reza, na dança, na preparação da comida e no com-partilhar uns com os outros.



Figura 29 - Abraço do Mestre Anastácio, da comunidade Levantado
Fonte: Acervo Pessoal de Madalena Rocha



Figura 31 – Levantamento do Mastro de São João na comunidade Levantado
Fonte: Acervo Pessoal de Lucinete Moraes



Mestra Catarina Maria da Conceição às vezes chamada por Catú, Vó Ina.
30/04/1935 - 19/08/2020 - Mulher Mestra do Sussa.

Matriarca da Comunidade Extrema. Parteira, benzedeira, merendeira, professora e cozinheira nos mastros.
Nascida em Extrema, município de Iaciara-GO.

Para Catarina, minha avó

Minha vó morreu. E parece que ela leva um pedaço de mim. Eu a amava, mas é pra além disso. Minha vó era uma mulher forte, de fé, de luta, benzedeira, parteira, mulher de cura. Mulher que cura. Carregava uma sabedoria imensurável.

Que orgulho eu sinto de ser sua neta, foi um prazer poder conviver e aprender tanto com a senhora. Obrigada por ter cuidado de mim, por ter se preocupado e dizer sempre “quando chegar lá liga” nas nossas despedidas, ou por ter buscado raízes pra fazer um chá quando ficamos doente, por estar sempre a vista alí embaixo do pé de tamarindo, pronta pra uma conversa rsrs.

A senhora é gigante! Vamos ficar todos bem, porque a senhora conseguiu passar o que era importante.

Quero te eternizar, pra que todas nós que viemos depois da senhora possamos nos fortalecer e nos aconchegar na mulher que você foi. Te amo. Fica com Deus.

De sua neta, Amanda

Educação para o patrimônio

Parte 02

EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO

Caro(a) leitor(a),

Você já parou para se perguntar: “Quem sou eu?” e “Como é o lugar em que vivo?”

Imagine explorar as respostas a essas perguntas com sua família, com seus amigos, colegas e estudantes. Uma possibilidade única e enriquecedora de mergulhar nas memórias individuais e coletivas, e refletir sobre a comunidade, cultura local, raízes e tradições.

Roda de memórias:

Reúna um grupo de pessoas e realize as seguintes perguntas:

Pergunta 01: Quem sou eu? (sem falar seu nome)

Pergunta 02: Como é o lugar em que vivo? (sem falar o nome do país, cidade, bairro e comunidade)

Estipule um tempo para o grupo realizar a ação. Em seguida, peça a cada integrante ler o texto das respostas para o grupo. Feita a apresentação, selecione as informações que se repetem, que mais se aproximam, se distanciam e que mais chamam a atenção.

Fonte: Adaptado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência do Iphan na Paraíba. Casa do Patrimônio da Paraíba. Educação patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); Organização, Átila Bezerra Tolentino ... [et al.]. – João Pessoa: Iphan, 2014. 116 p.: il.; 30 cm. – (Caderno Temático; 4)

Em seguida, convide o grupo para construir um Mapa Cultural, de forma individual ou coletiva.

Construção de um Mapa Cultural: Juntos, vamos mapear os locais e elementos que fazem da comunidade um verdadeiro tesouro cultural. Cada lugar tem uma história a contar, e você será parte disso.

Peça para o grupo separar por categorias e/ou temas, sinalizando com diferentes cores.

Utilize o Glossário, a seguir, como apoio para as reflexões e diálogos.

Finalize a atividade, convidando o grupo para construir um Roteiro Cultural, de forma individual ou coletiva.

Criação de um Roteiro Cultural: Vamos desbravar a nossa comunidade através de um roteiro cuidadosamente elaborado, revelando os pontos mais emblemáticos e histórias por trás deles. Você será um guia da nossa própria história!

Sinta-se muito livre para propor a atividade em um dia ou dividi-la em etapas.

Faça as adaptações necessárias para o grupo de pessoas que realizam a atividade com você! Desejamos uma ótima atividade!

GLOSSÁRIO

Bens culturais: “(...) todos os bens culturais e naturais que se transformam em testemunhos materiais e imateriais da trajetória do homem sobre o seu território;” (Decreto nº 8.124, de 17 de Outubro de 2013, art. 2, inciso I).

Bens culturais musealizados: “bens culturais passíveis de musealização - bens móveis e imóveis, de interesse público, de natureza material ou imaterial, considerados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira;” (Decreto nº 8.124, de 17 de Outubro de 2013, art. 2, inciso III).

Bens culturais de carácter bibliográfico: são bens “(...) que sejam classificados como obras preciosas, assim consideradas as coleções especiais formadas por materiais bibliográficos compostos por publicações que não são raras, mas que tem algum valor de posse e de identidade com o museu e a instituição a qual pertença, (...)” (Resolução Normativa nº 02, de 29 de agosto de 2014 do IBRAM, art. 3, inciso III).

Bens culturais de carácter arquivístico: são bens “(...) assim considerados os conjuntos de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades específicas, independente da natureza dos documentos e suporte da informação, com valor histórico-cultural, probatório, informativo e legal que justifique sua guarda permanente (...)” (Resolução Normativa nº 02, de 29 de agosto de 2014 do IBRAM, art. 3, inciso IV).

Bens Naturais: Aspectos da paisagem - que não tenham sido construídos pelo homem, que são importantes para a comunidade, como, por exemplo: serras, rios, lajedos, caldeirões, animais e plantas. O conjunto desses aspectos importantes também pode compor uma paisagem específica, como, por exemplo, o cerrado, a caatinga e os sistemas marinhos (MORAES WICHERS et al., 2013).

Celebração: Manifestações culturais relacionadas a formas de expressão. Festas e encontros que são importantes para a união do grupo ou comunidade, envolvendo produção e uso de roupas, ornamentação de lugares, preparo e consumo de bebidas e comidas, objetos, músicas, orações, danças, entre outras manifestações (MORAES WICHERS et al., 2013; IPHAN, 2017).

Espaço: É uma região sem a ação humana (RAFFESTIN, 1993).

Formas de expressão: Manifestações artísticas e culturais em geral, desenvolvidas por atores sociais reconhecidos pela comunidade, consideradas por esta importante para a sua cultura, memória e identidade (IPHAN, 2017). Envolvendo música, teatro, literatura, dança, escultura, pintura, gravuras, tradições orais, contação de histórias, entre outros.

Lugares: Espaços onde se concentram atividades coletivas que são importantes para o grupo ou comunidade, como por exemplo, lugares onde se realizam mutirões, centros comunitários, espaços onde são realizadas feiras, praças, cacimbas, açudes, cruzeiros, igrejas

e cemitérios, assim como as comunidades de uma forma mais ampla. E também, construções que não tem necessariamente valor histórico, mas que são importantes para o grupo ou comunidade devido à função que tiveram ou tem no cotidiano das pessoas, como por exemplo, moradia de pessoas importantes para o grupo/comunidade, edificações com função produtiva e/ou comercial, com função religiosa, muros ou cercas utilizados como divisórias ou proteção, entre outros (MORAES WICHERS et al., 2013; IPHAN, 2017).

Mestre: Pessoa que detém um saber, modo de fazer e ofício importantes para o grupo ou comunidade (MORAES WICHERS et al., 2013; IPHAN, 2017).

Modos de Fazer: relacionado a saberes e prática dos saberes específicos de determinada referência patrimonial da tradição popular (IPHAN, 2017).

Museu: "(...) as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento." Estatuto de Museus (Lei nº 11.904/2009).

Ofício: Relacionado aos modos de fazer e ao mestre, é labor exercido por aqueles detentores dos conhecimentos e habilidades específicas de determinada referência patrimonial da tradição popular e responsável pela transmissão oral das suas práticas da herança cultural

(IPHAN, 2017).

Patrimônio Cultural Brasileiro: "(...) bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1. O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação." (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. art. 216)

Patrimônio Cultural Imaterial: "Entende-se por "patrimônio cultural imaterial" as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável.” (Decreto nº 5.753, de 12 de Abril de 2006).

Referências Culturais: “Referências culturais são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura.” (FLORÊNCIO, 2016, p. 08)

Saberes: relacionado a memórias, conhecimentos enraizados no cotidiano das comunidades (IPHAN, 2017).

Território: Um espaço que foi e é constantemente construído e modificado pelo homem
(RAFFESTIN, 1993).

FICHA TÉCNICA

Concepção e coordenação

LUCINETE APARECIDA DE MORAIS

Pesquisadora responsável

LUCINETE APARECIDA DE MORAIS

Organização

BÁRBARA FREIRE RIBEIRO ROCHA

LUCINETE APARECIDA DE MORAIS

Pesquisadoras Assistentes

BÁRBARA FREIRE RIBEIRO ROCHA

LORRAYNE SANTOS

LOURDES FERNANDES

LUCRÉCIA DIAS

MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA

RAISSA SANTOS JOSÉ

VERÔNICA ALBUQUERQUE

Fotografias e imagens

LUCINETE APARECIDA DE MORAIS

LUCRÉCIA DIAS

MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA

SIMONE DE NATIVIDADE

VERÔNICA ALBUQUERQUE

LOURDES FERNANDES

LORRAYNE SANTOS

Orientadoras de Conteúdo

SIMONE DE NATIVIDADE

SILVIA ADRIANE TAVARES DE MOURA

Prefácio

LUCIENE DE OLIVEIRA DIAS

Revisores

LARISSA ENGELMANN

MARCOS FLÁVIO BARBOSA DA SILVA

Coordenação editorial

LUCINETE APARECIDA DE MORAIS

Ilustração da capa e Diagramação

BÁRBARA FREIRE RIBEIRO ROCHA

AMANDA GLAYCE LOPES DO SACRAMENTO Quilombola, pertencente a comunidade de Extrema/Iaciara (GO), neta de Catarina, psicóloga graduada pela Universidade Federal de Goiás e mestra em Antropologia social na mesma universidade. Atua na clínica na modalidade on-line e estuda saúde mental da população negra.

BÁRBARA FREIRE RIBEIRO ROCHA Mestre em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM/UFPI), Especialista em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos (NDH / UFG), bacharel em Design de Moda pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV / UFG) e diretora da empresa CALÍOPE: projetos e ações patrimoniais.

LARISSA ENGELMANN Travesti negra, graduada em Letras: Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (2021) e mestranda em Antropologia Social (2022) no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Faculdade de Ciências Sociais, da mesma universidade. É membra do Grupo Transdisciplinar de Estudos Interculturais da Linguagem (FL-UFG), membra do Conselho de Política Linguística (Reitoria-UFG), e membra e coordenadora do Coletivo Xica Manicongo (UFG) (2022-2023) - Coletivo de Pessoas Trans e Travestis da Universidade Federal de Goiás.

LORRAYNE SANTOS Lorryne de Aquino dos Santos Rosa, estudante de museologia da Universidade Federal de Goiás. Neste projeto dediquei a Vivência pessoal e pesquisa com

outros membros da comunidade, como minha avó Natalina dos Santos Rosa, a rainha Kalunga Dainda e Romes dos Santos Rosa, auxiliar da pesquisa.

LOURDES FERNANDES - BIA KALUNGA Sou Lourdes Fernandes de Souza, nasci e resido no Quilombo Kalunga-Riachão no município de Monte Alegre de Goiás. Licenciada no curso Educação do Campo na Área de Linguagens UnB, diretora da Escola Estadual Reunida Calunga II com 07 extensões e professora na rede estadual há 13 anos. Mestre em Psicossociologia com comunidade e ecologia UFRJ.

LUCIENE DE OLIVEIRA DIAS Doutora em Antropologia, mestra em Ciências do Ambiente, especialista em Estudos Culturais e Jornalista. Professora da Universidade Federal de Goiás, com atuação na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, e no Programa de Pós-graduação em Performances Culturais, ambos da Faculdade de Ciências Sociais. Coordenadora do Pindoba – Grupo de Pesquisa em Narrativas da Diferença. Mantém interesses de pesquisa em construções de gênero, sexualidade, raça e outros marcadores sociais da diferença, trabalhando os cruzamentos e interseccionalidades que formam e formatam os corpos e os grupos humanos.

LUCINETE APARECIDA DE MORAIS Doutoranda e mestra em Antropologia Social e especialista em Direitos Sociais do Campo pela Universidade Federal de Goiás e licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás. Atualmente dedica-se aos estudos de Antropologia Visual, Patrimônios Culturais, Reconhecimentos e Direitos.

LUCRÉCIA DIAS Lucrécia De Moura Dias, graduada em Licenciatura em Educação do Campo em artes visuais e música pela UFT. Pesquisadora local no projeto. Diretora do curta A Sussia. Minha vivência pessoal, pesquisa e entrevista mestre da sucia Domingo José Moura, meu avô.

MARCOS FLÁVIO BARBOSA SILVA Mestrando em estudos linguísticos pelo PPGLL/FL - UFG. Bolsista do Programa de Demanda Social CAPES. Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Goiás, foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - CAPES e bolsista do Programa de Bolsas de Licenciatura, PROLICEN/ PIBIC (IC). Atualmente, vinculado ao Obiah Grupo Transdisciplinar de Estudos Interculturais da Linguagem. Pesquisador do Laboratório de Política de Promoção da Diversidade Linguística e Cultural, LAPLING/FL/UFG. E atuante na área de Letras, com ênfase em Linguística e Ensino, Sociolinguística Ativista Decolonial, Política Linguística e Educação Plurilíngue.

MARIA MADALENA DO SACRAMENTO ROCHA Professora no I Ciclo do Ensino Fundamental I, turma multisseriada na Escola Municipal João Damaceno Rocha, presidenta fundadora da Associação Quilombola Extrema, liderança comunitária, gestora do Pontinho de Cultura, graduada em Artes Visuais e mestra em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Hoje, graduanda em Letras e doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB

RAISSA SANTOS JOSE Mestre no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais

Memória e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás - Campus Cora Coralina. Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás. Graduanda em Geografia pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Especialista em Docência no Ensino Superior e Tutoria em Educação a Distância pela Faculdade Nova Venda do Imigrante. Coordenadora Museológica (trabalho voluntário) pelo Movimento da Casa da Ponte - Itauçu/Goiás. Membro da Comissão itauçuense de folclore.

SILVIA ADRIANE TAVARES DE MOURA Pedagoga. Mestre em História Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás (PPGE-FE-UFG). Professora no Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música. Membro da Redecentro – Rede de Pesquisadores sobre o Professor (a) na Região Centro-Oeste/Brasil e do Gepec- Grupo de Estudos em Educação do Campo UFT. É professora orientadora de projetos da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN). Compõe a Rede de Pesquisadores sobre Professores (as) do Centro-Oeste. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Capoeira, Arte e Cultura Popular, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Quilombola, Educação Étnico-racial e Consciência Negra.

SIMONE DE NATIVIDADE Simone Camêlo Araújo é conhecida como Simone de Natividade. Economista, com especialização em cooperativismo, fotógrafa amadora, microempresária na área de patrimônio cultural e turismo, é pesquisadora e ativista da cultura nativitana/tocantinense, com publicações que tratam da preservação da história da

comunidade. Idealizadora e executora de vários projetos de economia criativa.

VERÔNICA TAVARES DE ALBUQUERQUE Professora na rede pública de Natividade, licenciada em Geografia, pós-graduada em gestão ambiental, idealizadora e coordenadora do grupo de Suça Tia Benvinda.

*“quando a saia roda,
mais alegria brota”.*



apresentação:



SECULT
Secretaria de Estado
da Cultura



Este projeto foi contemplado pelo edital de fomento à Dança do Fundo de Arte e Cultura do Estado Goiás, 16/2018.

editora:



apoio:



PINDOBA
Grupo de Pesquisa em
Narrativas da Diferença

